

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES (ICHCA)
ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM ARTE E SOCIEDADE

MACIEL FERREIRA DE LIMA

“A BOCA QUE ABENÇO A É A MESMA QUE AMALDIÇO A”: MALDITAS
NARRATIVAS SOBRE POMBA GIRA E AS RELAÇÕES AFETIVAS COM MÉDIUNS
HOMOSSEXUAIS NO CONTEXTO MACEIOENSE

MACEIÓ - AL

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES (ICHCA)
ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM ARTE E SOCIEDADE

MACIEL FERREIRA DE LIMA

“A BOCA QUE ABENÇO A É A MESMA QUE AMALDIÇOÁ”: MALDITAS
NARRATIVAS SOBRE POMBA GIRA E AS RELAÇÕES AFETIVAS COM MÉDIUNS
HOMOSSEXUAIS NO CONTEXTO MACEIOENSE

Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* vinculada ao Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) para a obtenção do título de Especialista em Arte e Sociedade.

Linha de Pesquisa: ARTE E SOCIEDADE: POLÍTICAS E POÉTICAS

Orientador: Prof. Dr. Anderson da Silva Almeida

MACEIÓ - AL

2025

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB-4/ 661

- L732b Lima, Maciel Ferreira de.
 “A boca que abençoa é a mesma que amaldiçoa” : malditas narrativas sobre
 Pomba gira e as relações afetivas com médiuns homossexuais no contexto maceioense /
 Maciel Ferreira de Lima. – 2025.
 49 f. : il.
- Orientador: Anderson da Silva Almeida.
 Monografia (Especialização em Arte e Sociedade) – Universidade Federal de
 Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2025.
- Bibliografia: f. 47-49.
1. Encruzilhada. 2. Nagô. 3. Umbanda. 4. Pomba gira. 5. Artes. I. Título.

CDU: 7:299.6

AGRADECIMENTOS

À Maria Farrapo, expresso minha gratidão por ser minha amiga, irmã, esposa, professora, advogada, promotora e justiceira. Sem Farrapo essa pesquisa não teria sentido.

À Maria Padilha por acreditar no meu potencial como pessoa, artista e filho de santo.

À minha mãe, Dona Zefinha, agradeço por ter sido a mulher que me gerou, cuidou até onde pode. Eu te amo, Mãe!

Ao meu Pai de Santo, Pedro de Oxalá, por me incentivar e ajudar à sua maneira.

Aos interlocutores, sendo eles/elas Padilha das Almas, Rosa Menina, Maria Mulambo e Dona Sete Esquinas, pelas contribuições que evidencia as faces “verdadeiras” da importância da pomba gira no contexto de Maceió.

À todos aqueles que contribuíram de forma direta e indireta nesta pesquisa (não citarei nomes para não correr o risco de deixar alguém de fora).

Ao meu orientador, Prof. Anderson Almeida, por acolher essa pesquisa com muito entusiasmo e me provocar a produzir e disseminar mais conhecimento com essas representações e lugares de fala.

À banca, por aceitar por contribuir significativamente com suas considerações e experiências.

Ao curso de Especialização e aos professores por ter acreditado na importância dessa pesquisa para o contexto alagoano.

Aos colegas da turma, em especial, o grupo das “Caninanas” sob minha direção, com participação de Alan, Allexandrea e Abides.

Por acreditar que estudar vale à pena, agradeço a mim mesmo!

“A BOCA QUE ABENÇO A É A MESMA QUE AMALDIÇO”: MALDITAS
NARRATIVAS SOBRE POMBA GIRA E AS RELAÇÕES AFETIVAS COM MÉDIUNS
HOMOSSEXUAIS NO CONTEXTO MACEIOENSE

RESUMO

“Percebi que o Candomblé é uma das únicas religiões que acolhem os homossexuais!” e “Quem está acabando com o Candomblé em Alagoas são os ‘viados’!” são duas afirmativas que estimulam o desencadear desta monografia. Essa pesquisa é construída a partir da investigação e compreensão do afeto existente entre Pomba gira e médiuns homossexuais que as incorporam no contexto maceioense. É uma pesquisa com abordagem metodológica oriunda da Antropologia a partir da etnografia, neste caso, ancorada no corpo e na experiência (Dantas, 2016). Esta pesquisa objetiva apresentar, articular e compreender as narrativas de Maria Padilha, Rosa Menina, Maria Mulambo e Dona Sete Esquinas, além de descrever e refletir a vivência e experiência em uma festa de pomba gira realizada em 2023. Este trabalho de conclusão de curso avança ao seguir as etapas que proporcionam os resultados expostos ao longo desta escrita. Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico sobre homossexualidade e pomba gira com o intuito de compreender como a literatura específica tem tratado desses temas (relativamente novo, para a realidade afro alagoana), ao longo do tempo. Em seguida, realizou-se um questionário pelo *Google* formulário a fim de absorver as narrativas dos médiuns, identificando as afetividades mútuas que existem entre médium e pomba gira. A partir do cruzamento dos dados obtidos evidencia-se a importância de inverter a lógica “dos sentidos”, ao apresentar de modo provocativo as narrativas benditas, narrativas malditas e narrativas intermediárias. A primeira narrativa refere-se aos autores/pesquisadores, que em sua maioria não fazem parte do contexto afro religioso e são privilegiados ao falar do “Outro” e pelo “Outro”; já a narrativa maldita tem a ver com o protagonismo de quem é “de dentro”, quando esse “Outro” fala por si e pelos seus (pesquisadores de terreiro, iniciados, pomba gira etc.) e a terceira narrativa, a partir de pesquisadores que não abordam o tema com profundidade, no entanto, contribui na proposta de articular outros novos sentidos “positivos” para uma pesquisa com tamanha dimensão como esta. Para finalizar esse momento, esse trabalho é uma narrativa maldita escrita por uma mão e com a orientação de várias “cabeças”.

Palavras-chave: Candomblé; Encruzilhada; Nagô com Umbanda; Pesquisa em Artes; Pomba gira

**“THE MOUTH THAT BLESSES IS THE SAME THAT CURSES”: CURSE NARRATIVES
OF POMBA GIRA AND AFFECTIVE RELATIONSHIPS WITH HOMOSEXUAL
MEDIUMS IN THE MACEIOENSE CONTEXT**

ABSTRACT

“I realized that Candomblé is one of the only religions that welcome homosexuals!” and “Those who are putting an end to Candomblé in Alagoas are the ‘fags’!” These are two statements that stimulate the creation of this monograph. This research is built on the investigation and understanding of the affection that exists between Pomba Gira and homosexual Mediums who incorporate them into the Maceio context. It is research with a methodological approach originating from Anthropology from the autoethnography, in this case, anchored in the body and experience (Dantas, 2016). It aims to articulate and present the narratives of Maria Padilha, Rosa Menina, Maria Mulambo and Dona Sete Esquinas, in addition to describing and reflecting the experience of a pomba gira party experience held in 2023. This course conclusion work progresses following the steps that provide the results presented throughout this writing. Initially, a bibliographic survey was carried out on homosexuality and pomba gira with the aim of understanding how specific literature has dealt with these themes (relatively new, for the Afro-Alagoan reality), over time. Afterwards, a questionnaire was carried out by the *Google* form in order to absorb the narratives of the mediums, identifying the mutual affections that exist between the medium and Pomba Gira. From the crossing of the data obtained, the importance of inverting the logic of meanings became evident, by presenting in a provocative way the blessed narratives, cursed narratives and intermediate narratives. The first narrative refers to the authors/researchers, who for the most part are not part of the Afro-religious context and are privileged when speaking about the Other and for the Other; the cursed narrative has to do with the protagonism of those who are “from within”, when this Other speaks for themselves and their loved ones (terreiro researchers, initiates, etc.) and the third narrative, based on researchers who do not address the topic with depth, however, contributes to the proposal and articulation of other new “positive” meanings for research as large as this one. To finish, This work is a cursed narrative written by one hand and with the guidance of several “heads”.

Keywords: Candomblé; Crossroads; Nagô with Umbanda; Arts Research; Cute dove

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Folder de Divulgação do Solo de Dança Eu, Farrapo.....	11
Figura 2 - Arte de Divulgação do Espetáculo de Teatro dos Estudantes do curso de Teatro Licenciatura – UFAL.....	12
Figura 3 - Divulgação do Livro Eu, Farrapo	13
Figura 4 - Frame de Ain't I a Woman? de Luedji Luna	18
Figura 5 - Captura de tela do Canal do Youtube da Artista/Cantora Jéssica Ellen	19
Figura 6 - Frame do álbum visual “Macumbeira” de Jéssica Ellen.....	20
Figura 7 - Frame de Artista interpretando uma Médiun protegida de Pomba Gira.....	20
Figura 8 - Frame de Artista interpretando Pomba Gira	21
Figura 9 - Frame de Artista interpretando Pomba Gira	21
Figura 10 - Presentificação de Pomba gira a partir de Rosas vermelhas.....	28

SUMÁRIO

Introdução	9
1. “Diga-me quem sou e te direi quem tu és”: As representações da Pomba gira no Imaginário do povo “brasiliano”	17
1.1 Narrativas Benditas: a leitura do mundo negro a partir de olhos brancos	22
1.2 “Cheiros de Rosas no Ilê chegou a gira”: Narrativa Maldita sobre as pombas gira	27
1.3 Narrativas intermediárias: Ir e vir de uma etnografia dançante.....	33
2. Desfazendo “verdades”: A relação entre Pomba gira e Médiun	37
2.1 Uma encruzilhada para muitas Pomba Giras Marias Alagoanas.....	38
2.2 Um breve relato sobre a festa de Maria Mulambo	42
Considerações Finais.....	44
Referências Bibliográficas	47

Introdução

Para situar o leitor, é importante fazer uma breve apresentação desse autor/pesquisador que vos fala. Desta forma, o leitor ávido por essa temática estará situado do lugar de fala quem “escreve” esta pesquisa. Chamo-me Maciel Ferreira, tenho Graduação em Licenciatura em Dança, Mestrado em Antropologia Social, e agora, também, Especialização em Arte e Sociedade, todos os cursos realizados sob os auspícios da Universidade Federal de Alagoas.

Sou Iaô¹ de Oxossi (Orixá que representa as matas) e Oxum (Orixá que representa as águas doces, como os rios). Frequento o Candomblé Nagô traçado com Umbanda desde 2017. O terreiro que faço parte é um terreiro pequeno e acolhedor que fica situado no Village Campestre II. Fui apontado como Pai Pequeno do Terreiro que faço parte, no entanto, é uma responsabilidade imensa da qual tenho consciência e por isso tenho muito medo dessa confiança direcionada a mim e meu Orixá, entrego tudo nas mãos dele. Tenho como caminhos nas Encruzilhadas o Exu Arranca Toco e a pomba gira Maria Farrapo.

Pesquisei a corporalidade de pomba gira desde meados de 2018 e de lá para cá, o pensamento amadureceu bastante. Essa corporalidade está submersa em narrativas, etnografias e encruzilhadas. Logo, os meus interesses de pesquisa têm sido a questão de gênero nas “macumbas” de Alagoas/Maceió, a dança na perspectiva negra e Ensino de Arte/dança. Encontro-me dividido entre a experiência docente, atuando como professor da rede básica de ensino do Estado de Alagoas, sendo um homossexual preto, artista de terreiro e pesquisador.

Antes de me iniciar² no Candomblé/Umbanda em meados de 2017, acreditava no mito de que a pomba gira era um espírito de mulher, com características ruins, que fazia o mal, e que, portanto, deveria manter distância dessa religião. Certa vez, morando na cidade de Paulínia - SP em meados de 2012, fiz amizade com um rapaz, natural de Picos - PI, e dentre as várias conversas jogadas fora, falamos sobre a pomba gira. Ele por sua vez, me confidenciou que tinha um amigo que pertencia a “macumba” e que sabia de algumas “coisas”. Ao fazer esse comentário, será que sua fala representava uma ameaça? A intenção era de mostrar que era protegido por pomba gira ou apenas sustentar o ego de que sabia de “muitas” coisas? Pertinente afirmar que muitas pessoas se utilizam desses “conhecimentos”

¹ É o noviço. Aquele que passa pelos procedimentos ritualísticos no Candomblé, a feitura de Santo.

² É um termo usado no cotidiano afro alagoano para dizer que já passou pelo processo de feitura de Orixá nas religiões de Matriz Africana no Brasil.

ou “aproximações” afro-religiosas para “benefícios” ou “amedrontar” as pessoas por pura maldade e desinformação.

Uma destas “coisas” me deixou incrédulo e encabulado. Esse novo “amigo” disse que a pomba gira era um espírito de mulher traiçoeira e interesseira, pois, mesmo que esse espírito feminino fosse minha protetora, o interesse da pomba gira em ganhar vantagem em qualquer situação corriqueira falaria mais alto. Segundo o relato do “amigo”, a pomba gira escolheria sair ganhando, e exemplificou afirmando que “se eu tivesse uma pomba gira e alguém tivesse um desafeto comigo, ao incorporar ela, aquela pessoa poderia pedir para a ‘MINHA’ própria pomba gira quebrar minha perna ou fazer outra maldade comigo que a mesma o faria, atenderia aquele pedido caso fosse bem recompensada”. Essa informação ecoou até o presente momento, desta vez para desfazer essa informação deturpada, errada.

Ao voltar para Alagoas em maio de 2015, procurei um Terreiro de Umbanda para continuar conhecendo esse universo religioso. Visitei um terreiro que ficava situado no Bairro Jacintinho, em Maceió - AL (O terreiro fechou as portas em meados de 2023). Embora não tenha realizado nenhuma escrita dos momentos vivenciados naquela época, esforço-me para buscar da memória, informações que são importantes para esse momento de escrita da monografia, pois se trata de situações vivenciadas por mim, uma vez que estou buscando realizar uma pesquisa com abordagem etnográfica, a partir de uma descrição densa, vivenciadas ao longo desses anos.

Uma vez que pertencia aquele terreiro, quando fui para uma primeira gira de Exu³, senti um misto de emoções. Muitas pessoas, Exu incorporando, Exu desincorporado, pomba gira incorporando, se vestindo, dançando, gargalhando, bebendo, uma poluição sonora gostosa de ouvir! Cigarros, gritaria, cantos e danças. O estranhamento foi se tornando comum. Sobre a idéia de estranhamento existem duas considerações importantes a serem apresentadas: o fascínio e a recusa pelo estranho. Conforme destaca Laplantine, “A recusa do estranho apreendido a partir de uma falta, e cujo corolário é a boa consciência que se tem sobre si e sua sociedade; a fascinação pelo estranho cujo corolário é a má consciência que se tem sobre si e

³ Na cosmovisão do Candomblé cultua-se o Orixá Exu. Para Vanda Machado, “Orixá masculino, o senhor da adivinhação. Jogo divinatório”. Exu é o princípio, o meio e o fim. Exu está na árvore, no rio, no peixe, no pássaro, na pedra e em todo ser vivente. Como elemento energético dinamizador e plasmador, ele é o que desenvolve, mobiliza, faz crescer, transformar. É o que faz comunicar no incessante fluxo das vivências cotidianas entre o Orun e o Aiyê, o mundo espiritual e o mundo natural. Ele é o tudo e o nada. Seu jeito buliçoso de existir encontra ressonância no pensamento filosófico de um universo sem lógica. Um universo de lógicas infinitas, um universo polilógico (Machado, 2010, p. 11). Para maiores informações ler a referência: MACHADO, Vanda. Exu: o senhor dos caminhos e alegais. Anais do VI ENECULT. 6º Edição, 2010. Esta pesquisa não irá abordar aspectos de Exu Orixá. O foco é pesquisar Exu Catiço, considerado como Povo de Rua. Gira de Exu é a denominação para celebração de Exu, de Pomba Gira. É uma cerimônia que pode ser pública ou privada, apenas para os de casa.

sua sociedade" (Laplantine, 2003, p. 26). De todo modo, aquelas novidades estranhas faziam meus olhos brilharem de emoção indescritível. Estranho, na minha cabeça era as pessoas ter preconceito com esta religião. Quanta ingenuidade naquele período!

Ao longo do tempo, vivenciando o Candomblé na prática, fui observando que havia uma construção social naturalizada direcionada para a pomba gira e sua atuação no contexto afro-brasileiro. Por isso, quando estava no curso de Licenciatura em Dança da UFAL, no sétimo período, no segundo semestre de 2019, na disciplina de Montagem Cênica, quis apresentar o solo Eu, Farrapo! Um solo de dança e performance que pretendia promover uma homenagem à pomba gira. Até aquele momento, no contexto alagoano, não tinha visto nenhuma apresentação artística cujo objetivo fosse realizar uma homenagem para a pomba gira. Essa mera homenagem criou raízes que culmina nessa pesquisa.

Figura 1 - Folder de Divulgação do Solo de Dança Eu, Farrapo



Fonte: CAC/UFAL. Foto: Igor Capelatto (2018)

Naquele segundo semestre de 2019, o curso de Teatro da Ufal também estava organizando um trabalho artístico voltado para as pombas giras, sob direção de dois alunos do curso de Teatro que também são da religião de matriz africana em Alagoas. Enquanto ensaiava para apresentar o solo, os meninos do teatro ensaiavam para apresentar “As Marias, as Rosas e os Espinhos”. Espetáculo do qual tive o privilégio de contribuir com preparação corporal. Desde então não vi nenhum trabalho com esse viés artístico voltado para a valorização da figura da pomba gira no contexto alagoano de 2019 para cá. O espetáculo foi reapresentado no Estacionamento do Teatro Deodoro em Setembro de 2021 sob direção da Auá Produções.

Figura 2 - Arte de Divulgação do Espetáculo de Teatro dos Estudantes do curso de Teatro Licenciatura – UFAL



Fonte: Instagram do Espetáculo Teatral (2021)

Conforme o tempo foi passando, houve três situações, no mínimo intrigante que me despertaram um conflito idiossincrático, relacionado à quebra de tradição do Candomblé em Maceió, tendo como origem o fazer afro religioso vivenciado pelos homossexuais, causando o interesse de buscar compreender o que levaria tal entendimento conflitante.

“Fuçando” no *Youtube*, encontrei um canal que possui vídeos compartilhados do “Ilê Axé Omo Oyá Funan féfé Orum - Babalorixá: Gil d’ Oyá Funan” (*In memorian*). Contam-se as boas e más línguas que este babalorixá era muito famoso em Maceió e possuía seu terreiro no Bairro Santa Lúcia, Maceió - AL, que veio a falecer por volta de 2012. Ao assistir vários vídeos de saídas de Iaô, resolvi mandar mensagem para o responsável pelo canal e pelos vídeos, com a intenção de tentar “pesquisar” a trajetória daquele Pai de Santo.

Ao contatar o responsável, conversamos sobre diversos assuntos afros religiosos. Não imaginava que a conversa tomaria outro rumo. Essa pessoa é responsável por uma editora de livros em Maceió, e fomos falando sobre essa vida de academia. “Conversa vai, conversa vem”, falei para o dono da editora que havia escrito um relato de experiência sobre o espetáculo de dança que havia apresentado, e o mesmo pediu que enviasse o material escrito por *e-mail*. Em alguns minutos ele me retornou, afirmando que iria publicar aquele texto em formato de livro de bolso. Fiquei surpreso e em choque. Será que estava sonhando? Eu iria publicar um livro? Muitas informações que me deixaram em *êxtase*.

Figura 3 - Divulgação do Livro Eu, Farrapo



Fonte: Arquivo do Autor. Foto: Dandara Alice (2021)

Ao longo daqueles dias conversamos muito sobre Candomblé, Umbanda e Pomba gira. Em uma de nossas conversas ele me disse o seguinte: “- *Olha Maciel, posso lhe falar uma coisa? O que está acabando com o Candomblé em Maceió são os “viados”*”. Calei-me! E para minha surpresa, ele me lança outra pérola preciosa. Se eu já estava sem palavras, me deixou ainda mais silencioso. Ele disse que eu era uma boa pessoa de conversar, pois, ao fazer aquele comentário eu não busquei contradizê-lo nem entrei em conflito. Fiquei atônito pelo primeiro comentário totalmente preconceituoso e depois por acreditar que ter optado por não me posicionar naquele momento o faria crer que concordava com sua fala.

A segunda situação conflitante aconteceu quando estava flertando com um rapaz pelo aplicativo de comunicação “*Whatsapp*” e ao falar sobre a minha religião, o mesmo disse que também fazia parte da religião e entramos em um debate sobre como se configura as religiões afro-alagoana na atualidade. Eis que esse rapaz afirma que “*o que está acabando com o Candomblé e a Umbanda em Maceió são os “viados” porque “inventaram” essa coisa de festa, peruca, maquiagem, “cachaçada”, coisas desnecessárias*”, na concepção dele. Preciso dizer que nossa conversa não avançou, pois, sendo ele também pertencente à religião e sendo

homossexual, ter esse tipo de pensamento iria de encontro com a minha crença de acolhimento. Não posso, não devo e jamais irei compactuar com tal desrespeito.

E o terceiro comentário foi realizado durante uma entrevista para a pesquisa que estava em desenvolvimento de Mestre em Antropologia Social da UFAL. A pesquisa em questão objetivou estudar e compreender um aspecto histórico e cultural da dança afro em Alagoas enquanto uma dança com técnica, profissionalização e valorização salarial, além de outras questões.

Ao entrevistar um de meus interlocutores, o mesmo afirmou que na concepção dele “(...) os homossexuais estão quebrando a tradição do Candomblé em Maceió”. Essa frase foi tão suficientemente necessária que me gerou um grande desconforto e ao mesmo tempo virou uma chave na minha cabeça a ponto de questionar qual seria o meu papel enquanto futuro Antropólogo, Pesquisador e Professor de Dança com relação a esse “problema”. Comecei a namorar a possibilidade de realizar uma pesquisa que se tratasse da relação entre homossexuais e pomba gira.

Comecei a fazer um levantamento na internet sem muitas exigências e cobranças sobre a existência da pomba gira no Brasil. O interesse partia de saber como elas são apresentadas na “literatura clássica brasileira”. E a partir daí, comecei a elaborar as primeiras idéias de possibilidades de pesquisa futuras. Essa literatura clássica brasileira se refere à “primeira geração” de pesquisadores sobre homossexualidade, gênero no Candomblé e pomba gira.

Uma vez que sou graduado em Dança, pesquisando a dança dos Orixás no Terreiro que faço parte, como trabalho de conclusão de curso da graduação, e no Mestrado, pesquisando a Dança Afro no contexto de Alagoas; na Especialização em Arte e Sociedade, fui ousado a me desafiar em realizar uma pesquisa de cunho científico sobre a relação afetiva entre médiuns homossexuais que incorporam e pomba gira. O desdobramento desta pesquisa seria, além do mais, na sua primeira fase, observar, ver e perceber como a performance, corporalidade e dança dialoga com o argumento de que os homossexuais estão destruindo uma “tradição” matriarcal (Landes, 2002).

Esse trabalho de conclusão de curso é a tentativa/necessidade/possibilidade de expor de maneira poética, artística, política, conceitual e didática os equívocos que a branquitude⁴ causou (e causa), ao apresentar as narrativas benditas, tais como, publicações (Livros, Dissertações, Teses, Artigos científicos), filmografia (Filmes, Documentários) e músicas que apresenta a imagem, a atuação e a performance da pomba gira como algo negativo e perigoso.

⁴ Sistema político ideológico que visa uma proteção para os iguais. Pessoas brancas que defendem pessoas brancas no atual contexto brasileiro.

As narrativas benditas é o modo como escolhi nomear, nesta pesquisa, a literatura específica sobre o tema da homossexualidade e pomba gira no contexto brasileiro, que de certa maneira, distorce essas experiências e relações. Essas narrativas ganharam e ainda ganham notoriedade, sendo durante muito tempo apresentadas por pesquisadores/autores brancos, não pertencentes ao Candomblé/Umbanda, sendo simpatizantes, que com seus privilégios galgam e ocupam espaços, garantindo oportunidades que quem é “de dentro” não alcançam, e quase sempre não conseguem chegar lá.

Sendo assim, toma-se como ponto de partida o entendimento da homossexualidade masculina nos cultos afro brasileiro pelo olhar do antropólogo Peter Fry (1982); Sob os auspícios de Patrícia Birman (1995) procura-se entender a questão de gênero a partir do estudo sobre a construção religiosa da possessão, observando atentamente a questão da homossexualidade nas “macumbas” do período estudado pela pesquisadora; ao citar Reginaldo Prandi (1996) em “Pomba gira e as faces inconfessas do Brasil” procuro evidenciar a percepção (da época) deturpada que Prandi têm sobre a pomba gira e seu campo de atuação religiosa, provocando-me ainda mais nesta pesquisa a querer mostrar a importância da atuação religiosa, política, social e acolhedora de uma pomba gira na vida de seu médium; “A pomba gira no imaginário das Prostitutas” de Francisco dos Santos (2006) apresenta e/ou atualiza alguns dos mesmos elementos já “revelados” por Prandi; João Silvério Trevisan ([1981], 2018) contribui nesta pesquisa por trazer informações grotescas sobre a questão da influência da incorporação dos Orixás em homossexuais, ocasionando na mudança de sexualidade por causa desse feito, o que é uma invencionice que permite que todo e qualquer leitor acredite nesse tipo de narrativa como uma verdade. Outro interesse importante de citar Trevisan nesta pesquisa se dá porque o autor fala da realidade de Mário Miranda/Maria Aparecida, uma figura importe para o Candomblé Pernambucano.

Entendendo que existe uma dualidade presente em nossas vidas, como apresentei a idéia de Narrativas Benditas, irei discorrer também, sobre as Narrativas Malditas. Ao subverter a lógica do mal necessário, sendo o verdadeiro “bem”, proponho expor as narrativas ditas (Mal-Ditas) por quem é de dentro, primeiro a partir de pesquisas/autores, depois por interlocutores, por mim, enquanto um pesquisador-artista-filho de santo e pelas pomba giras. Assim, valorizo os aspectos da abordagem etnográfica como elemento importante para a realização de uma pesquisa ancorada no corpo e na experiência (Dantas, 2016).

As Narrativas Malditas presentificadas nesta pesquisa são contribuições de autores/pesquisadores que são “De dentro” sobre o tema da homossexualidade/gênero e pomba gira no lugar de valorizar a importância do tema em questão. Claudenilson Dias (2021)

contribui com suas narrativas malditas a partir do compartilhamento de entrevistas com duas mulheres trans e um homem trans de Terreiros de Candomblé da Bahia, desfazendo uma “tradição” afro religiosa construída, por exemplo, sob a autoridade antropológica de Ruth Landes (2002); Ana Carvalho (2021) apresenta infinitas possibilidades de abordar a corporalidade de pomba gira nas Artes Cênicas, e, além disso, apresenta fatos de como uma pomba gira defende sua médium. Para “finalizar” esse corpo teórico de narrativas malditas, referencia-se a importância da monografia de Rangel Fidélis, do curso de Ciências Sociais da Ufal, pois sua pesquisa se coloca num lugar de uma narrativa maldita que destaca a importância do papel de uma bicha, macumbeira e pesquisadora, discorrendo sobre tensões e conflitos da realidade religiosa afro alagoana.

Para a realização desta pesquisa foi criado um questionário no “*Google Forms*” que buscou garantir informações sobre a relação da pomba gira e médiuns homossexuais de Alagoas. Inicialmente pensou-se na realização de entrevistas semiestruturadas, no entanto, considerando o prazo “finalizando” da Pós em Arte e Sociedade, optei por realizar um questionário “mais prático”, e a partir dele apresentar os dados sobre a relação afetiva que existe entre homossexuais que incorporam pomba gira e que organizam festas para elas.

Os dados do questionário irão ser apresentados conforme a escrita da pesquisa for acontecendo, sendo as informações, o complemento das narrativas malditas desta pesquisa. O diálogo se intensifica quando forem posto em evidência as narrativas colocadas pelos “interlocutores” desta pesquisa.

Para finalizar, as narrativas do meio ou intermediárias, são pesquisas que tratam de temas que visam complementar as narrativas deste trabalho de conclusão de curso como Mônica Dantas (2016) que proporciona a reflexão de caminhos para a realização da pesquisa autoetnográfica no Brasil, em Dança; A partir de Tulani da Silva pretendo refletir sobre as performances de Pomba giras e as representações que se presentifica através do movimento e da dança” (Silva, 2020).

Essa pesquisa é construída com dois capítulos. No primeiro capítulo, se apresenta uma reflexão do imaginário de pomba gira no Brasil e em Alagoas cuja finalidade é destacar a trajetória da escolha do objeto de pesquisa, seleção e levantamento bibliográfico para a construção do texto, além de discorrer sobre narrativas benditas, narrativas malditas e narrativas intermediárias como construção de um pensamento positivo e representativo da pomba gira no contexto de Maceió – AL.

No segundo capítulo, apresenta-se um diálogo a partir de um questionário com respostas de quatro interlocutores, leia-se pomba giras, sendo elas Rosa Menina, Maria

Mulambo, Sete Esquinas e Maria Padilha das Almas. Para contribuir com essa pesquisa é apresentado um relato de experiência de campo realizada numa festa da Pomba gira Maria Mulambo em 2023.

Metodologicamente, optou-se por realizar uma pesquisa com abordagem etnográfica a fim de atender os critérios de uma pesquisa científica e que fora realizada a partir de leituras, observação-participante, diário de campo e posteriormente, análise dos dados.

1. “Diga-me quem sou e te direi quem tu és”: As representações da Pomba gira no Imaginário do povo “brasiliano”

Durante o trânsito nas disciplinas cursadas da Pós em Arte e Sociedade (UFAL), comecei a refletir sobre as encruzilhadas que as pombas giras estavam me lançando, sempre atento às “novidades” que me cercavam. De tempos em tempos, compartilhava com alguém essa pesquisa “ainda” em andamento. Realizar esse tipo de compartilhamento é interessante e importante do ponto de vista da pesquisa, porque obriga-nos a construir uma narrativa, buscando o fio condutor do objeto da pesquisa e assim, nos desestabilizar de forma significativa para reorganizar as idéias e pensamentos para avançar.

Através desses compartilhamentos, refleti sobre as dinâmicas de representações dadas as pombas giras no imaginário brasileiro, depois alagoano, por isso o “brasiliano”. A disciplina Seminário de Pesquisa⁵ da Pós, teve como resultado a apresentação do projeto de pesquisa, submetido no processo seletivo em janeiro de 2023. Compondo a programação da X Bienal do Livro de Alagoas, que aconteceu em 2023, no Centro de Convenções de Maceió. Nesta programação aconteceu o II EM CENA - Encontro Nacional de Artes da Cena e dentro deste evento aconteceu, também, a primeira edição do MAPA - Mostra Artístico/Acadêmica de Pesquisa em Andamento. No Mapa, fizemos o compartilhamento de nossas pesquisas em sua fase inicial, sem as alterações que normalmente são realizadas ao longo de um curso de pós-graduação.

O interesse de pontuar essa questão da representação se dá em um dado momento pela provocação do meu professor orientador⁶ quando me incentivou a realizar uma comunicação oral no IV Copene Nordeste realizado em 2023. Nesse congresso minha participação se deu em refletir sobre o álbum visual da cantora baiana Luedji Luna, dando ênfase para a

⁵ Essa disciplina foi ofertada no segundo semestre de 2023 e objetivou a discussão de nossas pesquisas em andamento.

⁶ Professor Dr. Anderson Almeida, leciona no curso de Graduação em Teatro da UFAL.

representação e presentificação da pomba gira na música “*Ain’t I a Woman?*” “Não sou uma mulher?”.

O frame abaixo mostra a potência artística da cantora Luedji Luna ao imprimir visualmente, esteticamente e corporalmente os elementos da pomba gira quando incorporada em seus médiuns. O vermelho, o champanhe, o fundo com neblina, o batom, todos esses elementos artístico-reais fazem parte desse imaginário brasileiro da representação da pomba gira. A grande questão que me atravessa neste momento é: Você consegue ver o “diabo” nessa imagem?

Figura 4 - Frame de *Ain’t I a Woman?* De Luedji Luna



Fonte: Álbum Visual “Bom mesmo é estar debaixo d’água de Luedji Luna (2020)”

Ao ministrar uma disciplina eletiva intitulada de “Arte Afro - Alagoana” em uma Escola do Cepa⁷, numa turma do terceiro ano do Ensino Médio Integral, realizei uma breve apresentação sobre a pesquisa em desenvolvimento na pós. Importante dizer que algumas reflexões, representações e imagens foram apresentadas pelos estudantes. Inclusive, em uma dessas trocas, “caiu-me a ficha” de como ainda não havia pensado em situações que já são normalizadas, ou seja, construções religiosas deturpadas que as pessoas utilizam como justificativa para criticar o Candomblé/Umbanda e toda sua cosmovisão.

Em Geni e o Zepelim de Chico Buarque, Geni é uma travesti cuja vida não tivera sido fácil. Na música, a travesti é vista como maldita quando não interessa e não pode servir, porém, torna-se bendita quando é conveniente. “De tudo que é nego torto, do mangue e do cais do porto ela já foi namorada”. Nesse início, Geni é a personificação da mulher, da mulher brasileira, da mulher travesti, da pomba gira. A mulher pode ficar com quem quiser, no entanto, nesta sociedade hipócrita que Geni e a pomba gira “viveram”, ainda é persistente a

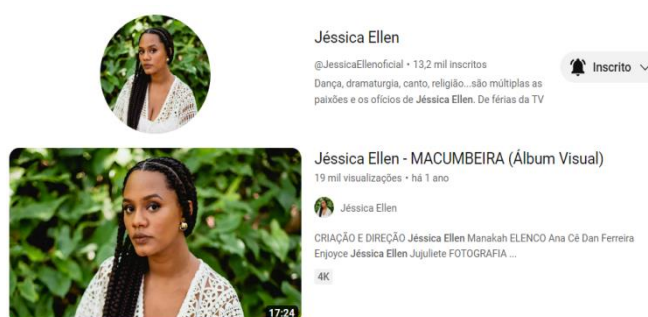
⁷ Complexo Educacional de Pesquisas Aplicadas. O Cepa é o maior centro Educacional de Alagoas.

ideia de que não é nada bom ficar com quem quiser e bem entender, “benditas” convenções sociais. A bondade praticada por Geni, muitas vezes lhe é devolvida com pedradas como diz na música: “Joga pedra na Geni! ela é feita pra apanhar! Ela é feita para cuspir! Maldita Geni!”. Assim, têm sido com Maria Padilha, Maria Mulambo, Maria Farrapo, Maria Quitéria, Sete Encruzilhadas, Sete Porteiras e com todas as falanges de pomba gira. A sociedade joga pedras sem nem conhecê-las, sem ao menos trocar uma palavra. Benditas convenções políticas, culturais e religiosas!

A grande problemática é que quando se fala em pomba gira, imediatamente ouve-se um: “Misericórdia!”, “Sangue de Cristo tem poder! e por último o “Deus é mais!”“. Quando uma mulher é extremamente feliz, de bem com a vida, com seu corpo, com o modo de falar, se vestir e de não se curvar, demonstra felicidade e esbanja alegria, dirão: “- Fulana está com uma pomba gira é?”, acentuando que ser comparada com uma pomba gira é algo ruim.

Para dar continuidade ao processo de estudar as representações, tive contato com o álbum visual da Cantora e Atriz Jéssica Ellen, intitulado de Macumbeira. Curiosamente, são duas artistas de origem periférica, sendo Luedji Luna, baiana de Salvador e Jéssica Ellen, carioca do Rio de Janeiro. As duas mulheres negras tratam do tema do Candomblé/Umbanda sob o viés da valorização das matrizes africanas no contexto brasileiro, principalmente do poder de influência da pomba gira.

Figura 5 - Captura de tela do Canal do Youtube da Artista/Cantora Jéssica Ellen



Fonte: Captura feita por Maciel Ferreira (2023)

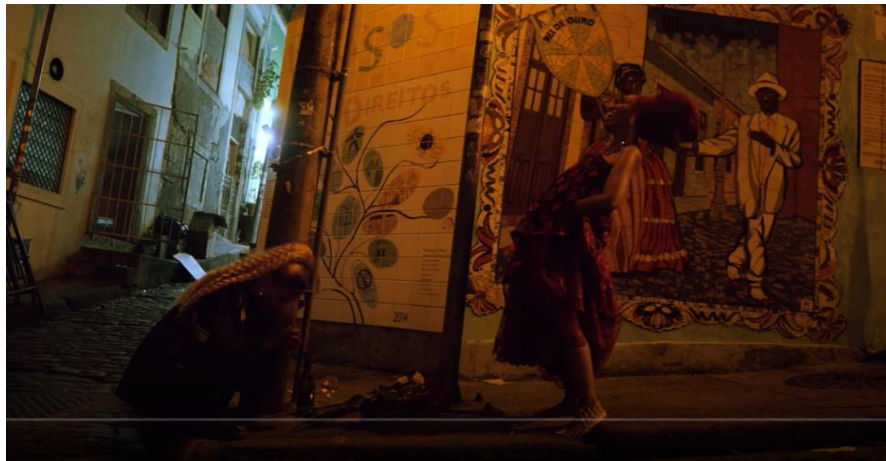
Jessica Ellen acrescenta dendê no seu álbum visual quando incorpora proteção da pomba gira a partir do canto, o diálogo entre a performance de pomba gira com a dança vogue, que também é constituída de dores e alegrias, exclusão e resistência, de luta e sobrevivência.

No início do álbum visual, a artista faz uma espécie de “Prece” ao cantar três pontos de Pomba gira, começando por um ponto que fala da Pomba gira Cigana da Estrada, veja:

Quem neste mundo nunca ouviu dizer?
Quem neste mundo nunca ouviu falar?

De uma cigana que mora naquela estrada?
 Ela tem sua morada sobre o clarão do luar.
 Cigana da Estrada
 Força poderosa
 Dê-me proteção e axé Ciganinha formosa
 Cigana da Estrada
 Força poderosa
 Me dê proteção e axé ciganinha formosa

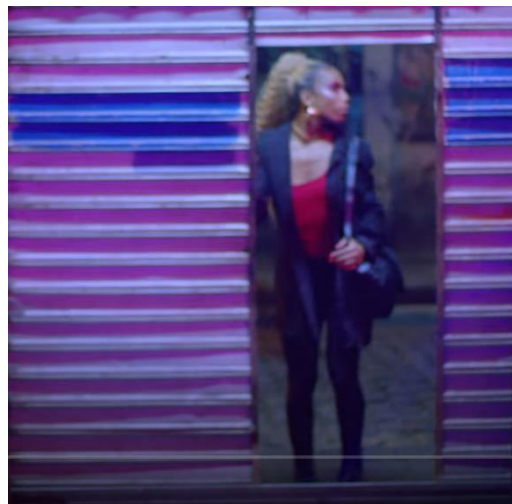
Figura 6 - Frame do álbum visual “Macumbeira” de Jéssica Ellen



Fonte: Captura de tela realizada por Maciel Ferreira (2023)

É importante observar a coerência que existe na proposta corporal e dramática das cenas com o que está sendo cantado. No clipe, a “artista-médium”, antes de ir para o seu compromisso, oferta e pede proteção à pomba gira, sendo atendida.

Figura 7 - Frame de Artista interpretando uma Médium protegida de Pomba Gira



Fonte: Captura de Tela de Maciel Ferreira (2023)

Figura 8 - Frame de Artista interpretando Pomba Gira

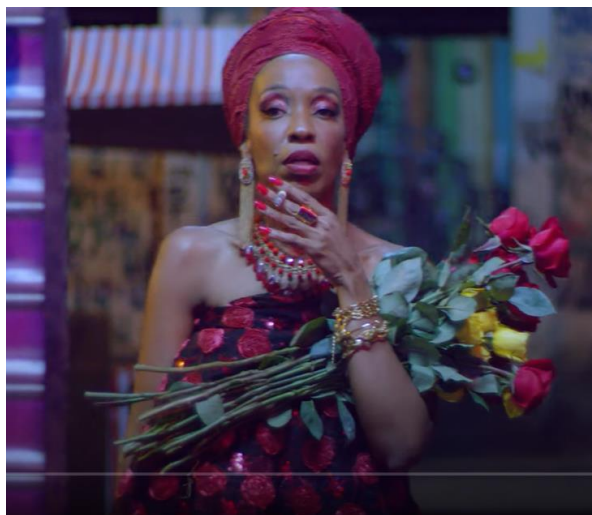


Fonte: Captura de Tela de Maciel Ferreira (2023)

Nesses frames em destaque é cantado outro ponto (música de pomba gira) pela artista Jéssica Ellen. Veja:

Foi em uma estrada velha
 Na subida de uma serra
 Em uma noite de luar
 De luar, de luar
 Pombo gira da Figueira
 Moça bela e faceira
 Dava o seu gargalhar
 Porque ela é mojubá
 Ela é mojubá
 Ela é mojubá
 Ela é mojubá...

Figura 9 - Frame de Artista interpretando Pomba Gira



Fonte: Captura de Tela de Maciel Ferreira (2023)

As três imagens, da médium e da pomba gira alinhado com o ponto cantado, mostram-nos que é possível utilizar “elementos” reais da corporalidade de pomba gira e reproduzi-las de forma positiva e artística, respeitando a figura da pomba gira, sem diminuir e demonizar.

1.1 Narrativas Benditas: a leitura do mundo negro a partir de olhos brancos

A branquitude se caracteriza “(...) como lugar de privilégio racial, econômico e político, no qual a racialidade, não nomeada como tal, carregada de valores, de experiências, de identificações afetivas, acaba por definir a sociedade (Bento, 2002, p. 7)”. A branquitude é uma ideologia política, uma rede de apoio, de proteção dada pelos brancos, aos brancos.

O objetivo deste subcapítulo é apresentar como autores/as brancos/as foram construindo, dispondo e disponibilizando sua autoridade acadêmica e suas impressões acerca da identidade da pomba gira no Brasil. Com efeito, considerando que já existe uma literatura consolidada sobre a origem do termo pomba gira e questões correlatas, irei me debruçar em como os autores já citados acima, definiram a pomba gira e outros termos desta pesquisa como homossexualidade e/ou gênero, além de incorporação, festa e etc., consolidando essa narrativa bendita.

Por causa dessas definições é que a imagem da pomba gira foi sendo construída em cima de um olhar de medo e da depreciação, colocando-as numa posição marginalizada e excluída.

Para começar, Peter Fry é um homem branco, homossexual e antropólogo, natural de Londres e que no Brasil se debruçou sobre a questão da homossexualidade, raça e religião afro brasileira.

Ao escrever “Para o Inglês Ver”, publicado pela Editora Zahar em 1982, Peter Fry afirma que “(...) nenhum antropólogo, hoje em dia pensa em explicar um assunto qualquer (1982, p.11)”, o que acaba sendo incontestável, a começar pela escolha do tipo da pesquisa realizada por ele, quando sua intenção tivera sido mostrar para os “ingleses” a identidade e a política na cultura brasileira, a partir do seu olhar, de sua experiência, principalmente lhes apresentando a “homossexualidade masculina e culto afro-brasileiros”. (Fry, 1982).

Não à toa que, como antropólogo, me disponibilizo em pesquisar sobre a relação afetiva entre médiuns de incorporação homossexuais e pomba gira. Sobre esse imaginário de ocidentalizar o Brasil, Peter Fry apresenta dois “mitos” acerca do surgimento do termo “Para Inglês Ver”. Para o autor,

(...) a expressão teria surgido no período entre a proibição inglesa do tráfico negreiro, em 1880 e a abolição da escravidão no Brasil, em 1888. Nesse período, desenvolveu-se uma série de camuflagem dos navios negreiros para confundir os navios de guerra ingleses, ou seja, para o inglês ver (Fry, 1982, p. 17)

Ou,

Outro mito de origem me foi dado em Campinas. Nessa versão, a expressão teria surgido entre os operários da Companhia Paulista de Estrada de Ferro quando desejavam esconder uma série de práticas extra-regulamentares dos seus patrões ingleses (Fry, 1982, p. 17).

“Para o inglês ver” é a ideia mais palpável escolhida para “mostrar” a cultura do povo brasileiro numa perspectiva romântica. Uma das importâncias mais significativas no contexto brasileiro para o autor foi ter contribuído na implementação da Antropologia na Universidade Estadual de Campins – Unicamp/SP em 1970. A tentativa de Fry era de “(...) tentar transformar o surreal em real” (Fry, 1982, p. 12). O autor classifica o povo de rua (Exu e Pomba gira) como sendo os “guardiões da moralidade” (Fry, 1982, p. 27).

Para o antropólogo, esses guardiões, são espíritos de mortos, que carregam em si o traço da marginalidade, como ladrões e fazendeiros para os Exus e mulheres perdidas para as pomba giras (Peter Fry, 1982). O autor constrói sua narrativa bendita quando afirma que,

(...) Acredita-se que os Exus e Pombas-giras tenham grandes poderes e sejam capazes de trazer efeitos desejados na terra. Contudo, ao contrário dos outros espíritos, eles não têm senso moral e fazem o que lhes pede em troca de pagamento. Porém, se o cliente negligencia seu pagamento, pode esperar sofrer as consequências intentadas para sua vítima. (Fry, 1982, p. 27).

Ao fazer tal afirmação, cria-se essa inverdade, que chegou até mim, como mencionado na introdução desta monografia. Não se paga o mal com o mal, se paga o mal com o bem. O Candomblé e a Umbanda são mantidos com práticas religiosas que pensam, *a priori*, no acolhimento, na saúde espiritual e no cuidado com a natureza. A intervenção desses espíritos (Pomba gira) que já passaram pela terra, decorre da possibilidade de nos religar a Deus, minimizando nossas dores, abrindo nossos caminhos, nos instruindo por caminhos menos tortuosos a partir de suas experiências e sabedorias, de outra época, talvez não tão distante.

A pesquisa do antropólogo foi realizada em Belém – PA com duração de quatro semanas, a partir da autodefinição de homossexuais, classificando-os entre si, como “Perverso e desviante” (Fry, 1982, p. 56). O professor Londrino identifica certa competição considerável entre os filhos de santo e entre os filhos de santo e o líder do culto (Fry, 1982), para, além disso, para Fry “(...) os médiuns ambiciosos consolidam seu prestígio ao longo do tempo e, quando não conseguem usurpar a autoridade do líder do culto, abandonam o Terreiro para construir o seu próprio centro (Fry, 1982, p. 57)”.

Ao ler e reler essa citação, fiquei “matutando”, tentando entender se de fato o autor quis falar em $\text{Ambição} + \text{Prestígio} + \text{Abandono} = \text{Conflito}$. Para os adeptos do Candomblé/Umbanda, deve compreender a partir de sua experiência e vivência essas ações conflituosas que são existentes em toda religião. Contudo, quem não é de dentro, pode interpretar à sua maneira, levando adiante essa idéia equivocada, contribuindo para a opressão do povo de terreiro.

Pesquisando religiões no Brasil, a antropóloga Patrícia Birman se debruça na possessão e na questão de gênero nos Terreiros de Candomblé e Umbanda no Rio de Janeiro na década de 1990. Considerando o período que a pesquisa tivera sido realizada, apresenta uma discussão que é atual, do ponto de vista da antropologia, pois sobre a possessão, a autora fala da (...) importância da possessão como operador de gênero nos terreiros de Candomblé (Birman, 1994, p. 6). No entanto, a pesquisadora apresenta informações que já foram atualizadas e nem se utilizam mais, como por exemplo, a idéia de possessão. Incorporar é o termo que se aproxima da prática em que permitimos que nosso corpo seja utilizado como um meio de comunicação, de forma respeitosa, para que os ancestrais estejam em terra para compartilhar alegria, sabedoria e cura.

Se não há respeito, não há incorporação e muitas vezes, a culpa é do responsável pela doutrina espiritual daquele médium que permite que haja uma irradiação conturbada. Resumindo, não é possível controlar uma força além desta natureza, contudo, é possível fazer com que essa força siga um caminho menos “doloroso”, alinhando as energias (do médium e da entidade). Ao incorporar, permitimo-nos ser um só, o médium que incorpora passa de “médium” para ser Orixá e, em consequência, deixa de ser médium para ser entidade, para ser Exu, Pomba gira, Boiadeiro, Preto Velho, Erê, etc.

Relevante antever que a idéia de possessão é uma noção carregada de equívoco e, além disso, Birman idealiza outros pensamentos que corrobora com a minha afirmação de “equívoco” por parte desses estudiosos brancos. Como exemplo, destaca-se que para a autora “(...) os que ‘recebem santo’ entram automaticamente num mundo ‘efeminizado’ enquanto os participantes que não são possuídos ocupam um pólo masculino dos terreiros” (Birman, 1995, p. 6). Ninguém muda de orientação sexual quando é incorporado, nem quando desincorpora.

É importante trazer essa autora como uma narrativa bendita porque ela apresenta categorias sobre a questão de gênero no Candomblé e Umbanda que “define” os papéis sociais dos “adés”. (...) os adés, portanto, são referidos como jovens que são vistos como “bichas” no interior do Candomblé (Birman, 1995, p. 112). Essas categorias é o que formaliza a diferença e por isso fica.

De acordo com o sociólogo Reginaldo Prandi (...) para Dona Pombagira qualquer desejo pode ser atendido: não há limites para a fantasia humana. (Prandi, 1996, p. 139). Ao ler “Pombagira e as face inconfessas no Brasil” este autor afirma, em outras palavras, que tudo que você pedir a pomba gira, ela dá, criando um fato que não é consumado, pois, nem toda pomba gira faz o que lhe pedem. Até na cosmovisão de Exu e Pomba gira, existe ética.

O relato a seguir se trata de uma experiência vivenciada no terreiro de Nagô com Umbanda que faço parte, no Village Campestre II, Maceió – AL.

Certa vez, uma irmã de santo conversou comigo e pediu-me para ajudar sua amiga (vou chamá-la de Namaria) em determinada situação. Acendi uma vela para pomba gira e fiz o que precisava ser feito naquele momento. No outro dia, Namaria veio ao terreiro e conversou com o meu Pai de Santo. A pomba gira do babalorixá incorporou nele e conversou algumas coisas com Namaria. Quando Namaria perguntou sobre aquela situação anterior, a Pomba gira me chamou e disse algo mais ou menos assim: “Veja só, não gosto de meter a mão em coisa que já botaram a mão, você deve perguntar a quem já está envolvida, e chamou a minha pomba gira, que conversou com Namaria”. (Relato de Experiência do autor, sem data).

Toda pomba gira tem sua doutrina e seus princípios. Na minha experiência afro religiosa foi/é aprendido/ensinado que existe um Deus acima de tudo e não cairá uma folha de uma árvore se assim Deus permitir.

Ao afirmar que Prandi contribui para a idéia de narrativa bendita, sobre exu e pomba gira o autor afirma que:

(...) Ambos são mal-educados, despudorados, agressivos. Falam palavrão e dão estrepitosas gargalhadas. Exus e Pombagiras fazem questão de demonstrar o quanto eles desprezam aqueles que os procuram. Pombagira trata dos casos de amor, protege as mulheres que a procuram, é capaz de propiciar qualquer tipo de união amorosa e sexual. (Prandi, 1996, p. 145)

É importante observar que essa percepção do sociólogo transmite o seu “olhar” preconceituoso referente à questão de Exu e Pomba gira, haja vista que o mesmo não consegue compreender essa performance como um processo que é iniciado com as convenções sociais deste “mundo”.

Ao propor as Narrativas Malditas, a afirmação destacada acima suscita um incômodo por revolta, pois, o que leva um estudioso fazer uma afirmação como tal sem pensar na agressão e acusação que causa/causou com uma população afro religiosa que se tornou alvo de descredibilidade e negação? Qual é a autoridade que um pesquisador, que não é de dentro, só por observar por algum tempo tem de acreditar que é o detentor daquele conhecimento e por isso, falar o que lhe convém? A academia é suficientemente a que somente validar esse pesquisador?

Pensando nisso, João Silvério Trevisan, paulista de Ribeirão Bonito, branco e, aparentemente católico, compartilha no anexo do livro “Devassos no Paraíso” de 2018, uma entrevista [recheada de equívocos] direcionada a Mário Miranda/Maria Aparecida, babalorixá do Recife.

Nessa entrevista, são realizadas perguntas relacionadas à pomba gira e a vida homossexual do babalorixá, em Recife - PE. Ao ler e reler essa entrevista tive a impressão de que a curiosidade do pesquisador foi/é maior no caso de obter mais informações sobre a vida pública, amorosa e sexual de Maria Aparecida do que a vida religiosa.

Maria Aparecida transmite situações da sua vida que conversa com as narrativas benditas, compartilhando situações que distorcem a cosmovisão afro-brasileira e isso se dá por conta dessa continuidade “tradicionalista” que se mostra arredia e conflituosa. Sabendo que o Candomblé/Umbanda tem como *modus operandi* a iniciação como forma de ligar-se a “Deus”, valorizando e respeitando a natureza e tudo que nela existe. Acontece que ninguém escolhe quem será o “Ori’xá” (Dono da cabeça, quem irá ser “O principal” na vida daquele iniciado). Então pode acontecer de um homem ser regido por um Orixá feminino e uma mulher ser regida por um Orixá masculino.

No entanto, em muitos lugares, homens não podem ter um Orixá feminino “de frente” e vice-versa. Trevisan discorre sobre um fato marcante na história de Maria Aparecida, sendo filha de santo “Mãe Rosinha”, conta Maria Aparecida que ao tentar realizar a sua iniciação, a mãe de santo queria mudar o seu Orixá, na tentativa de “corrigir” algum comportamento sexual e de expressão de gênero. Trevisan então pergunta: “- Tem uma história de que você era Oxum, mas queriam que você se tornasse Xangô. Como foi essa história?”. (Trevisan, 2008, p. 587).

Maria Aparecida responde: “-Eu era filha de Oxum, eu tenho na minha cabeça, então disseram assim: ‘Não, pra ele não ser boneca, então tira a santa fêmea da cabeça dele e bota Xangô que é santo homem, macho mesmo. ’ (Trevisan, 2008, p. 587)”. Como é possível observar, com essa troca, no entendimento da Yalorixá, aquele iniciado deixaria de ser homossexual.

Se essa entrevista problemática publicada por Trevisan não for um argumento plausível que justifique a minha proposta de aponta - lá como uma narrativa bendita, essa monografia não tem sentido, afinal de contas, ao ler, principalmente pessoas que não compreendem profundamente do assunto, é passível de abordar este assunto como uma verdade porque essa informação foi tirada de um livro, que foi escrito por “autoridade acadêmica”, porque uma pessoa de dentro que “falou”, contudo, é uma fala ou uma

reprodução? Existe um esvaziamento de pauta, de argumentos, de análise. Fica o questionamento!

1.2 “*Cheiros de Rosas no Ilê chegou a gira*”: Narrativa Maldita sobre as pomba giras

Naquela rua vai passando uma mulher,
essa mulher se chama Pomba gira,
Hô pomba gira você é vaidosa,
Hô pomba gira usa perfume de rosas...
(Domínio “Público” - Ponto de Pomba gira).

Uma das representações simbólicas da presença de uma pomba gira, incorporada ou não, em um médium, percebidas ao longo da experiência vivida no terreiro com pomba gira, é sem sombra de dúvidas, o cheiro das rosas. Por isso, elas cantam: “*Cheiro de rosas no Ilê chegou a gira! Hô Ogan, toca pra mim!*” ou então: *Olha a rosa aê ê, olha a rosa ê ê á! Olha a rosa! Olha a beleza da Rosa!*”⁸.

Na Música Popular Brasileira (MPB) as rosas também têm sido inspiração de muitos cantores. Ana Carolina, na música “Rosas” diz que “*toda mulher gosta de rosas, de rosas e de rosas, acompanhadas de um bilhete me deixam nervosa!*”⁸, o cantor carioca Tim Maia (in memória), diz que quando for “Primavera”, canta ele: “*trago essa rosa para te dar, Meu amor!*” A melancolia na música “As rosas não falam” do grande Cartola sintetiza o que proponho evidenciar, pois para o cantor “*Queixo-me às rosas, que bobagem as rosas não falam, simplesmente as rosas exalam, o perfume que roubam de ti, ai*”.

É possível extrair muitos ensinamentos quando uma pomba gira “abre a boca” para “filosofar”. As rosas são delicadas, cheirosas, bonitas, tem seu tempo e esconde os espinhos. Exatamente como é nossa vida. Bela, uma só e cheia de espinhos.

⁸ Composição de José Antonio Franco Villeroy.

Figura 10 - Presentificação de Pomba gira a partir de Rosas vermelhas



Fonte: Google (2024)

O que pode um pesquisador negro, gay e Candomblecista/Umbandista falar sobre os seus? Que autoridade é essa que permite apontar o nosso ponto de vista e não mais o ponto de vista do outro? O outro, agora sou Eu! Seremos nós! Em algum momento da vida você pegou o ônibus com destino a algum lugar e, provavelmente, já sentou na janela do ônibus.

Geralmente o transporte público que utilizo como deslocamento em Maceió é o ônibus da empresa Real Alagoas, especificamente a linha 046 (VILLAGE CAMPESTRE II/UFAL/CENTRO). Esse ônibus sai do terminal do Village Campestre II, parte alta da cidade, passa por dentro da Ufal e segue pelo Tabuleiro dos Martins, Fernandes Lima, Farol, Centro de Maceió. Certa vez, indo trabalhar, quando refletia sobre a correria que me encontrava naquele momento e sem tempo para “produzir” com leituras e escritas. Ao passar pela Ufal, me peguei pensando em como as pessoas falam mal de uma coisa sem ao menos conhecer.

A Narrativa é uma abordagem muito utilizada nas minhas pesquisas, por considerá-la interessante e potente para construir novas reflexões, conceitos e pensamentos críticos. Não está sendo falado sobre as narrativas oficiais, mas, nesse processo de reflexão, as narrativas ditas, são aquelas que jamais seriam faladas. Num primeiro momento imaginei que seria interessante criar um solo de dança a partir do título “Narrativas Mal Ditas”. A proposta consistiria em converter todas as coisas ditas equivocadamente e de maneira preconceituosa sobre a pomba gira e incorporá-las no meu corpo.

Depois, nessas idas e vindas de “busão”, deixei anotado no celular que iria montar um solo que se chamaria apenas “Maldita”. Depois, pensei em Narrativa maldita, até que comecei

a entrar em devaneios sobre a possibilidade de ressignificar essas narrativas malditas como sendo coisas boas. Neste caso, as narrativas malditas são as experiências “positivas” que fui obtendo ao longo do desenvolvimento espiritual. Quando alguém falava algo como “Ah, a minha pomba gira não gosta disso ou daquilo”, automaticamente percebia que havia uma diferença de postura e entendimento das relações e práticas de algumas pomba giras, em seus terreiros.

Uma das grandes questões que têm me atravessado é a presença de Homens e Mulheres Trans pertencentes ao Candomblé. Em “Identidades trans em Candomblés: entre aceitações e rejeições” Claudenilson Dias apresenta algumas questões norteadoras para o desenrolar de sua pesquisa de mestrado, publicada pela Editora Devires, em 2020 num formato de livro. O autor então questiona: “As normas de gênero e sexualidade que hoje são reproduzidas nos terreiros foram construídas quando, onde e por quê?” (Dias, 2020, p. 12).

Importante acrescentar que muitas pessoas de terreiro também contribuem para a perpetuação e manutenção do preconceito de gênero e sexualidade com suas narrativas “benditas”. É o caso, em especial, de comentários e perguntas realizadas em um trabalho de amarração compartilhada e disponível no Canal do *Youtube* de Pai Jonan, Quimbandeiro por parte de mãe e Umbandista por parte de pai (consangüíneos)⁹. Tive conhecimento desse vídeo por indicação de um irmão de santo que tem acompanhado minimamente o desenvolvimento desta pesquisa.

Em caixa alta, com o título de “AMARRAÇÃO AMOROSA CONFIRMADA PELA POMBAGIRA”¹⁰, com o médium de incorporação André Filipe, conhecido como Xogum¹¹. É provável que seja filho de santo de Pai Jonan. No vídeo, o médium incorpora sua Pomba gira, a famosa Dama da Noite, para potencializar o trabalho de amarração em desenvolvimento com sua força e sabedoria (leiam-se conhecimentos).

Na medida em que a pomba gira incorpora, veste sua saia e organiza-se naquele espaço. São realizadas algumas perguntas que tem haver com esse contexto de pomba gira e

⁹ De acordo com a matéria publicada no Jornal Online RJNews, Pai Jonan é um mestre kimbandeiro e Pai de santo de Umbanda. Compartilha sua vida religiosa em plataformas digitais no Instagram, Tik Tok e Youtube. Para mais informações acesse a matéria na íntegra. Disponível em: <https://www.rjnewsnoticias.com.br/noticia/5520/intolerancia-religiosa-aos-olhos-do-mestre-jonan.html>. Acesso em 16/03/2024.

¹⁰ O vídeo em questão tem cerca de 14 minutos e no decorrer do trabalho apresenta um diálogo provocador sobre a questão da incorporação da pomba gira em homens e de como elas deixam o corpo do homem afeminado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Njq19tyHSCs>. Acesso em: 16/03/2024

¹¹ Fiz uma busca pelas redes sociais e não encontrei dados oficiais sobre o mesmo, André tem uma conta no Instagram, tentei contato com o mesmo via direct e até o presente momento da pesquisa não obtive resposta. Perfil do Instagram disponível em: <https://www.instagram.com/xoguum/>. Acesso em: 16/03/2024

incorporação, dando ênfase a questão da corporalidade de pomba gira e os trejeitos femininos advindos da pomba gira em um corpo masculino.

Sob interferência das pessoas presentes é afirmado inicialmente que *“Muita gente que trabalha com pomba gira acaba ficando afeminado”*, pois *“a força da pomba giras, a beleza, a feminilidade da pomba gira acaba passando para o cavalo”*. Em seguida, a frase é reformulada, como se fosse uma hipótese para: *“todo mundo tem medo de trabalhar com pombogira e ficar afeminado”*.

Na minha percepção de pesquisador, a resposta da pomba gira fundamenta uma questão incompreendida. Fala a pomba gira: *“Vocês num falam que existe o equilíbrio? Nós, moças, também temos o nosso papel na vida de um homem. Na amarração! No feitiço!”*. Essa resposta chega para mim como uma fala que potencializa o argumento de que a pomba gira só tem utilidade para fazer o mal, ou seja, essa afirmação só mantém ainda mais o estereótipo da imagem da pomba gira.

A pomba gira acrescenta que o médium cuida apenas do seu Exu, o Malandro¹² e isso causa uma tensão que reflete na *dificuldade de relacionamento do médium*. De acordo com o “desabafo” da pomba gira: *“Moço! ele não acredita na minha força! Eu vou ter que mostrar para ele. O meu cavalo não tem coragem de me dar uma cigarrilha, aí chega para o Malandro, e para ele faz coisa bonita! faz trabalho bonito!”*.

Este desabafo está carregado de ciúmes ou injustiça? Existem escolhas feitas pelos médiuns que acabam gerando consequências, para os “de dentro”, é a lei do retorno. A pomba gira está apenas cobrando o que é seu de direito, não está pedindo nada que não lhe pertença, o mesmo valor e o mesmo amor que é dado à outra entidade.

Por isso que muitos frequentadores da religião afro em Maceió, Alagoas e no Brasil organizam grandes eventos (festas) para suas Pomba giras, Exus e seus Orixás. Faz parte da troca simbólica, da reciprocidade, do amor, do respeito e da fidelidade que se tem dessas forças.

A pesquisa de Dias (2020, p. 31) “trata da aceitação e rejeição através da subjetivação que acentua a violência simbólica nos terreiros”, por pessoas de terreiros, em um espaço que deveria estar acolhendo de fato, pois, “as identidades são construções sociais que decorrem de experiências de vida de cada sujeito, obedecendo aos critérios de plena convivência e o estabelecimento de relações” (Dias, 2020, p. 33).

¹² São entidades de Umbanda da linhagem da malandragem e grosso modo, representam uma linha de entidades de malandros. Seres viventes em um Brasil do passado colonial, com maior representação no Rio de Janeiro.

O jogo de cordialidade está em todo lugar, isso é percebido nas reflexões a partir de Alana de Carvalho, Luana Neves e Mauro Cavalcante, iniciados no Candomblé da Bahia e que, ao unir forças, puderam compartilhar suas dores e alegrias, buscando sua (re) existência numa religião que, pela sua existência, é ignorada. Dos três interlocutores que pertencem a religião afro baiana, destaca-se a partir da interlocutora Alana que,

(...) hoje, eu me vejo com uma mulher trans, dentro de um terreiro de candomblé, onde esse próprio terreiro que me iniciou essas próprias pessoas que me iniciaram, enquanto mãe, irmão, tio, avó, parentes, não me aceitam pela minha identidade sexual (Dias, 2020, p. 162-163).

É doloroso ler seu relato, pois o Candomblé e Umbanda sofrem estigmatização social desde seu surgimento. As pessoas que a praticam sofrem intolerância religiosa e ainda assim, são as mesmas que reprime e exclui, que não compreende o outro pela sua identidade e sexualidade em favor de uma “tradição” e que valoriza os bons costumes.

Fica até difícil de viver essa prática religiosa. Para Alana (...) a religião que me aceita como tal, que me iniciou ao mesmo tempo me rejeita (Dias, 2020, p. 163). Observa-se que essa pesquisa está falando da “Baía de todos os santos”. Se neste lugar, que é considerada o “berço” das religiões de matrizes africana do Brasil apresenta esses conflitos, o que dizer e pensar de outras regiões do Brasil? O que importa é que, com essa pesquisa, Claudenilson Dias conseguiu dar voz a quem precisava falar e desabafar, é isso que precisamos, falar dos nossos na academia, não permitirmos que falem sobre nós e nem por nós.

Uma narrativa maldita que me encheu de inspiração ao longo desta monografia foi à pesquisa de doutorado de Ana Cláudia Carvalho, pela Universidade Federal do Pará, a partir da Umbanda Amazônica. A tese consiste numa pesquisa com abordagem etno-método-afetivo, a partir do entendimento de corpo-templo, corpo-comunidade e corpo-cena (Carvalho, 2021, p. 18). A pesquisa foi realizada com a Mãe de Santo Trans Rosa Luyara, com o aval da Mestra Dona Rosinha Malandra, localizada em Icoaraci, região metropolitana de Belém-PA.

Se todos soubessem o poder que uma entidade feminina possui, daria mais valor para sua força e energia. Digo isso por rememorar toda a minha relação com Maria Farrapo. Se tivesse conhecido ela há alguns anos, talvez não tivesse passado o que passei. Ela me acolhe, me ajuda, briga comigo, não quer que ninguém me faça nenhum mal, deseja me ver grande e feliz.

Assim como fez Dona Rosinha Malandra com a Mãe Rosa. O processo transexualizador¹³ foi respeitado não só por Dona Rosinha como pelas demais espiritualidades. Dona Rosinha é uma entidade feminina que trabalha na linha dos Malandros. Os Malandros foram pessoas que viveram as boemias de outrora dos centros urbanos deste Brasil. Rosa Malandra diz para a pesquisadora que “(...) baixei em cima de uma travesti porque sei o quanto ela ia sofrer. Eu sei quantas estão sofrendo por aí, por não aceitação por família, por tudo, porque é difícil, complicadíssimo” (Carvalho, 2021, p. 20).

Tem-se uma coisa que Dona Rosa Malandra não admitia/admite é/era injustiça com Mãe Rosa Luyara. Rosa Luyara conta que aconteceu uma situação na escola na qual a Dona Rosa Malandra acabou incorporando para brigar com a professora por considerar uma falta de respeito com Rosa, eis a história:

Eu tive um problema muito grande numa escola, com professor, com aluno. Numa dessas coisas que estudava, tudo, no Deodoro de Mendonça, eu cheguei atrasado pra fazer uma prova, cinco minutos, a professora não deixou eu fazer, isso tá, era prova final, tudo, nisso que eu não fiz, eu falei: - égua, meu Deus, cheguei atrasado, não acredito eu vou repeti, que era a prova final, aliás era a quarta avaliação pra poder em quinta ficar em recuperação, mas eu ia passar na quarta. Foi que a professora me expulsou da sala de aula, disse pra mim que eu não ia fazer prova porque não sei o quê, até porque eu era meia atendida, aí eu peguei, eu fiquei lá na porta, passou uma menina, ela entrou na sala, eu achei aquilo estranho. Não! tem alguma coisa, eu disse: - professora porque que ela pode fazer a prova e eu não posso? Ela disse: - eu não gosto de ti e tu não vai fazer prova, nisso Dona Rosinha incorporou lá na sala de aula, foi que ela incorporou em mim, eu fazia a oitava série, aí ela incorporou, foi que ela disse, eu não fazia a prova, mas ela não deixava também ninguém fazer ela foi arrancando a prova de cada um, arrancando, arrancando e jogou na cara da professora. Nisso veio a polícia, me levou pro Conselho Tutelar, porque eu era de menor, me levou pro Conselho Tutelar, foi que teve o problema na Seduc e tudo, aí o pessoal viram que ela também me ofendeu e tudo, foi uma dessas coisas que ela me defendeu, fiz a outra prova que ela teve a obrigação, a professora, de mim fazer outra prova, pra mim, então eu acho que isso criou uma coisa dela muito de defesa pra mim, tudo o que acontecia comigo ela sempre tava ali. Realmente enjoada pelo homossexualismo meu, ela sempre lutou, ela sempre brigou, ela sempre foi de frente, assim, em muitas coisas, em qualquer lugar, mesma coisa se entrasse num canto, eu fui num terreiro também, que, nossa! Que o Pai de Santo foi contra, inclusive foi coisa de candomblé, eu fui, disse que não aceitaria, se eu entrasse na casa dele, ele não me aceitaria que eu tirasse minha sobancelha, eu tinha que trajar como homem, e eu já era travesti, com roupa feminina e tudo, foi que baixou e disse que ela não aceitaria ou ela ficava lá, que ela vinha de saia e tudo, ou ela não aceitaria. Me tirou de lá, eu não fiz Santo por causa disso. (...) e ela me ajudou muito com a minha mãe também, a aceitar. Ela foi me ajudando a ter uma adaptação na minha casa, o respeito. (...) ela vai falar, sempre lutando por esse lado do homossexual, de eu ser travesti, o nome que eu tenho Rosa de Luyara é por causa dela. Desde os 14 anos que eu me visto de mulher. Era pra eu ser uma pessoa infeliz, eu ia ser porque na época eu usava cabelo curto eu não sabia de nada, ela que foi me moldando em algumas coisas, tipo meu cabelo começou a crescer, que ela disse que queria crescer meu cabelo, (...) ela me mudou em muitas coisas e fez as pessoas me

¹³ Esse termo foi utilizado na Tese de Ana Cláudia Carvalho para se referir ao processo de Transexualização de Mãe Rosa Luyara.

respeitarem, tá entendendo? Então, tudo teve por parte dela, assim, que ela me ajudou. (Luyara, 2016, apud Carvalho, 2020, p. 34-35)

Ao apresentar essa citação, quero mostrar que essas narrativas malditas merecem espaço. Essa narrativa é algo vivenciado de quem é de dentro, de quem sofreu homofobia, transfobia e preconceito a vida toda e teve o acalento de uma entidade, que nem está mais em terra, de forma física, que precisa de um corpo emprestado para beber, fumar e viver os prazeres que este mundo ainda pode lhe oferecer.

O que fica registrado é que uma narrativa maldita é aquilo que quando é dito pela boca “comum”, é visto como algo negativo, mas que quando dito por nós, de dentro dos terreiros, obtém real significado de sobrevivência e positividade. O que queremos é não calar nossa voz, não falar mais de nossas cicatrizes, pois elas são apenas figurantes de nossas lutas.

1.3 Narrativas intermediárias: Ir e vir de uma etnografia dançante

Por onde começar? Quais caminhos é preciso percorrer para obter informações (dados) de uma pesquisa, de um tema, de um objeto (não tão interessante)? O que devemos ler? Quando ler? Qual a finalidade de um orientador, na teoria e na prática? O que é uma pesquisa em artes? O que é uma pesquisa em dança? O que é uma pesquisa sobre a corporalidade de pomba gira? Por que Pomba gira? Por que essa pesquisa só é considerada válida quando uma instituição pública emite um certificado informando sua importância e veracidade? Por que perguntas aparentemente simples exigem respostas difíceis de serem dadas? Por que, tantos porquês? Já prestou atenção que, quanto mais estudamos, mais pesquisamos, ficamos com uma sensação que não sabemos de “nada”? Estudar exige da pessoa concentração, dedicação e esforço. Como ter tudo isso, tendo que trabalhar 60 horas semanais, por exemplo?

Macabéa é uma “datilógrafa”, que sai de Alagoas para o Rio de Janeiro em busca não sabe nem do que. “A hora da estrela” é uma história escrita por Clarice Lispector, publicada em 1977 pela primeira vez, que apresenta, aos meus olhos, a ingenuidade, os anseios e desejos, as tristezas e os porquês sem resposta de Macabéa, protagonista da história. Sempre ouvindo sua radiola, a personagem “estuda”, chora, se emociona. O questionamento faz parte de sua rotina. Pergunta ela: O que significa Designar? Mimetismo? Efeméride? Que quer dizer Cultura? E tantas outras perguntas realizadas ao longo da história por Macabéa.

Com 19 anos, ela acaba representando muitas jovens brasileiras que gosta de fazer perguntas, mesmo não obtendo respostas, e nem vai à busca delas, muitas vezes pela falta de incentivo. Ao referenciar essa obra literária de Clarice Lispector quero enfatizar a importância

do questionamento em qualquer situação cotidiana, observando o que está por trás de uma pergunta “simples” e as diversas possibilidades de respostas e hipóteses.

A pesquisa em Artes se baseia justamente no princípio de questionar, investigar, compreender, analisar e refletir no corpo, determinadas situações que não possuem notoriedade suficiente ou de nenhum jeito. Mas, para encontrar possíveis respostas é preciso identificar estratégias de como chegar nelas. A grandiosidade das/nas pesquisas artísticas se dá em três dimensões, - pesquisa sobre/para/em artes - como bem aponta Sylvie Fortin no artigo “Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico”, a autora afirma que,

A pesquisa nas artes pode incluir pesquisas sobre as artes (por exemplo, a compreensão das músicas para dançar do século XVIII), pesquisas para as artes (por exemplo, a compreensão do impacto dos dispositivos eletrônicos entre dançarinos e iluminação), pesquisas em artes (por exemplo, a compreensão do conhecimento incorporado de um coreógrafo ou artista). (Fortin e Gosselin, 2014, p. 1).

Um recurso importante que venho estudando com profundidade, decorrente do processo da experiência antropológica é a etnografia¹⁴, do grego, “etno - povo” e “grafia - escrita”, em linhas garrafais, etnografia pode ser considerada como a “escrita de um povo”.

A etnografia acontece quando se está em contato com o outro, no local, (*in loco*), mas é importante entender que esse outro é alguém com história, cultura, sistema político, religioso e que enquanto pesquisador você não está ali para criticá-lo e sim para compreendê-lo, interpretá-lo, na sua plenitude. Você não está ali para falar por ele, mas dar voz para a existência do outro, desconstruindo estereótipos socialmente e culturalmente construídos.

Mesmo sendo relativamente “novo”, esse outro cansou de ser antagonista das pesquisas acadêmicas. Esse entendimento estimula esse “outro” a escrever por si, a realizar pesquisa sobre seu povo, é quando podemos pensar numa autoetnografia. Para Sylvie Fortin, “a auto-etnografia se caracteriza por uma escrita do “eu que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si” (2010, p. 83). Para Mônica Dantas que vem pesquisando a abordagem etnográfica e autoetnografia em dança destaca que,

“A pesquisa em arte se situa no contexto de uma prática pessoal, é conduzida e realizada pelo artista a partir do processo de instauração da obra, articulando num mesmo processo a produção de uma obra ou situação artística e uma forma de saber sobre esta produção que interage com a obra” (Dantas, 2016, p. 170).

¹⁴ Não proponho realizar uma discussão densa da abordagem etnográfica. O intuito é apresentar essa abordagem em diálogo com a pesquisa desenvolvida. A discussão sobre etnografia nas artes é relativamente nova, pretendo retomar esse modo de fazer pesquisa em outro momento, para além desta monografia.

Para realizar esta pesquisa, a pergunta norteadora foi: Porque são os homossexuais que estão acabando com a tradição do Candomblé e Umbanda em Alagoas? Para isso, é importante compreender outras conceituações de etnografia.

A etnografia é uma forma de obter dados sobre determinada situação ou coisa. Para a antropóloga Mariza Peirano,

A etnografia é a ideia-mãe da antropologia, ou seja, não há antropologia sem pesquisa empírica. A empiria – eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos –, é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação. (Peirano, p. 380, 2014)

Para a realização desse tipo de pesquisa, utiliza-se a observação-participante com o objetivo de “entender” determinada situação social, religiosa, comportamental, artística, cultural e assim por diante. Quando o pesquisador se lança na pesquisa, abrindo mão do “estar pesquisador”, em algum momento da pesquisa, deixa-se ser afetado pelo momento, pelo acaso.

Outra maneira que visa complementar a pesquisa é a análise de dados, entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, leituras de livros, matérias jornalísticas, documentos, análises fílmicas, documentários, músicas e qualquer outra forma de conseguir obter possíveis respostas sobre o que está sendo pesquisado.

Ao atualizar o fundamento de uma “boa” etnografia, Peirano afirma que:

A primeira e mais importante qualidade de uma boa etnografia reside, então, em ultrapassar o senso comum quanto aos usos da linguagem. Se o trabalho de campo se faz pelo diálogo vivido que, depois, é revelado por meio da escrita, é necessário ultrapassar o senso comum ocidental que acredita que a linguagem é basicamente referencial. Que ela apenas “diz” e “descreve”, com base na relação entre uma palavra e uma coisa. Ao contrário, palavras fazem coisas, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados. E palavras não são o único meio de comunicação: silêncios comunicam. Da mesma maneira, os outros sentidos (olfato, visão, espaço, tato) têm implicações que é necessário avaliar e analisar. Dito de outra forma, é preciso colocar no texto – em palavras sequenciais, em frases que se seguem umas às outras, em parágrafos e capítulos – o que foi ação vivida. Este talvez seja um dos maiores desafios da etnografia – e não há receitas preestabelecidas de como fazê-lo. (Peirano, 2014, p. 386)

No texto “Quando cada caso Não é um caso”, a antropóloga Cláudia Fonseca (1998) define etnografia da seguinte forma:

A etnografia é calcada numa ciência, por excelência, do concreto. O ponto de partida desse método é a interação entre o pesquisador e seus objetos de estudo, “nativos em carne e osso”. É, de certa forma, o protótipo do “qualitativo”. E — melhor ainda — com sua ênfase no cotidiano e no subjetivo, parece uma técnica ao alcance de

praticamente todo mundo, uma técnica investigativa, enfim, inteligível para combater os males da quantificação. (Fonseca, 1998, p. 58)

Ao realizar uma “boa” etnografia, coloco-me de um lado como pesquisador, distanciando-me do “objeto de pesquisa”, e por outro, coloco-me como um “artista-social”, “artista-de-terreiro”, “artista-médium”, pois desta forma “escrevo” de dentro e não mais como o outro, o outro sou eu que faço parte de dentro.

As narrativas intermediárias são pesquisas desenvolvidas, independente de quem “fala”. O intuito é trazer narrativas de pessoas de dentro (dos terreiros e que sejam artistas, principalmente), mas, considerando o período da pesquisa, me contento em apresentar algumas narrativas que contribuem para o desenvolvimento da monografia.

Como já apresentado acima, Sylvie Fortin (2009; 2010; 2014) contribuiu nesta pesquisa por ser “pioneira” em pensar na pesquisa em artes, a partir da abordagem etnográfica, oriunda das Ciências Sociais. O destaque se dá em torno de pensar o passo a passo da realização de uma pesquisa em artes, do projeto escrito, passando pela organização das referências de base para a escrita da pesquisa (levantamento bibliográfico), o caderno de campo, os diários de campo, as coletas, as análises, a escrita e a contribuição para a academia e para a comunidade.

Realço a importância de Mônica Dantas (pesquisadora do corpo e da dança) pelo desafio de relacionar etnografia, autoetnografia e dança. A artista-pesquisadora objetiva “refletir sobre a contribuição – e os limites – da etnografia e da autoetnografia para pesquisa em prática artística no âmbito dos estudos em dança (Dantas, 2014, p. 170).”

E para finalizar, foi selecionada a pesquisadora que também faz parte de uma “narrativa maldita” Tulani Silva (2020). No artigo “Senhora das Encruzilhadas: Poéticas do Corpo em Performance de Pomba-gira” a pesquisadora apresenta uma discussão ricamente necessária para as pesquisas realizadas sobre pomba giras no imaginário artístico.

A autora reflete sobre a forma que os brancos têm se utilizado da história das populações marginalizadas e excluídas na formação do Brasil, ontem e hoje, fazendo suas “leituras e interpretações”. Para a autora, “(...) a leitura do mundo negro a partir de olhos brancos vem cada vez mais sendo naturalizada” (Silva, 2020, p. 30).

Tulani Silva, uma mulher negra e artista faz um desabafo dos desafios encontrados para enfrentar os muros da academia para recriar e recontar a nossa história. Para a autora,

O ato corajoso de enfrentar barreiras acadêmicas para falar de si, do seu povo, da sua religião e cultura, a partir do seu olhar “de dentro”, recria olhares, rompe estereótipos, constroem autoestima e valorização daqueles que se sentem sem história, pois “as ancestralidades africanas e afro-diaspóricas se encontram em condição historicamente atravessadas pela perseguição e violência” (Silva, 2020, p. 30).

Essas narrativas do meio ou intermediárias são importantes para que possamos trazer outras reflexões e criar diálogos compreensíveis para as pesquisas afrocentradas.

2. Desfazendo “verdades”: A relação entre Pomba gira e Médium

Desfazer uma imagem construída e perpetuada por anos não é uma tarefa fácil, pois a atual sociedade que vivemos não é a mesma de cinquenta anos atrás e as pessoas trazem consigo uma concepção de respeito à tradição que já não abarca as mudanças sociais do agora. Ao se debruçar no estudo da tradição no contexto sulista do Brasil, a doutora em Antropologia social, Caroline Luvizotto, investiga as tradições gaúchas. Diante da pesquisa da autora, compreende-se tradição como sendo:

(...) um conjunto de sistemas simbólicos que são passados de geração a geração e que tem um caráter repetitivo. A tradição deve ser considerada dinâmica e não estática, uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o tempo futuro. A tradição coordena a ação que organiza temporal e espacialmente as relações dentro da comunidade e é um elemento intrínseco e inseparável da mesma (Luvizotto, 2010, p. 65)

A experiência afro religiosa sobrevive sob o véu da verdade absoluta da tradição passada de geração em geração, quando no princípio da realidade brasileira, líderes afro religiosos, leiam-se os mais velhos, ensinavam os saberes e práticas a partir da oralidade que foram repassadas pelos antepassados, transmitindo esse conhecimento “do mesmo jeito”.

No processo de iniciação no Candomblé algumas práticas rituais “precisam” ser “respeitadas”, como por exemplo, o ato de ir à igreja católica para tomar a bênção do padre. Evidentemente uma prática que advém do sincretismo religioso¹⁵.

A imagem da pomba gira foi se consolidando de forma negativa (através do olhar do outro) à base de impropérios e julgamentos que foi e continua sendo compartilhado de modo equivocado e preconceituoso.

Tenho constatado essa construção deturpada quando compartilho, propositalmente, em sala de aula, na sala dos professores ou em outros ambientes, ao expressar que pesquiso pomba gira, digo que sou iniciado no candomblé ou quando solto um “axé”, que seria a mesma coisa que um “amém” ou um “ho glória”. Ao forçar falas e situações como as citadas, percebo no olhar, nos gestos simbólicos, de fazer o sinal da cruz na testa, que as pessoas demonizam aquilo que nem conhecem, só ouviram falar.

¹⁵ Sugiro o artigo de Guilherme Santos, intitulado de “O Sincretismo Religioso do Candomblé e a Igreja Católica no Brasil”. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/575785>. Acesso em: 21/04/2024.

O meu dever enquanto um filho de Orixá, um guiado de pomba gira é de buscar refazer, por meio do diálogo, a imagem da religião e desmanchar a figura da pomba gira. A imagem que se tem da pomba gira já foi falado nesse texto, logo, propõe-se analisar o que pensam aqueles que são homossexuais e tem sua pomba gira como mensageira e guardiã.

2.1 Uma encruzilhada para muitas Pomba Giras Marias Alagoanas

No princípio desta pesquisa, desejou-se realizar entrevistas com no mínimo três interlocutores, homens gays, babalorixás, preto, que incorporam pomba gira e que organizam festas públicas e/ou tenham vestido sua pomba gira. Ao longo do processo de desenvolvimento da pesquisa, percebi que precisaria dinamizar o tempo da pesquisa de campo por compreender que o prazo da pesquisa demandaria um tempo maior que o curso em si não comportaria e o alcance de interlocutores não ser atendido.

Ao revisitar os dados já obtidos, realizando uma pesquisa de campo, observando uma festa de pomba gira de perto, senti que precisava avançar, mas como fazer isso trabalhando de segunda a sexta-feira sem tempo para mais nada além de trabalhar, trabalhar e trabalhar?

Como a própria etnografia é uma abordagem metodológica com vários direcionamentos, resolvi criar um questionário pelo *Google* formulário com trinta e quatro perguntas¹⁶ relacionadas à experiência e vivência no Candomblé enfatizando a relação com pomba gira. Desta vez, permitindo que Iaôs (iniciado) pudessem responder o questionário.

Participaram da pesquisa quatro pomba giras¹⁷, sendo elas Padilha das Almas, Rosa Menina, Maria Mulambo e Sete Esquinas. Sobre os médiuns, todos são homossexuais assumidos. Essa informação é importante porque testemunha um protagonismo de homossexuais que são historicamente excluídos do ponto de vista religioso.

Ao me referir as pomba giras, estou me referindo também aos médiuns. Por caminhos diferentes, cada pomba gira chegou à religião de matriz africana por motivos diversos. Padilha das Almas chegou ao Candomblé a partir de um trabalho de pesquisa acadêmica, Rosa Menina, estava buscando orientações espirituais, Maria Mulambo fez uma descrição mais detalhada de seus caminhos e por isso, sinto a necessidade de apresentá-la.

¹⁶ Ao final do questionário, depois da 34ª pergunta, foi adicionado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Todos os quatro interlocutores responderam “SIM”, afirmando que estar ciente do questionário.

¹⁷ Por uma questão de ética na pesquisa, optei por colocar o nome das pomba giras no lugar dos interlocutores, desta forma preserva a imagem dos mesmos, ao mesmo tempo que evoca uma poética na escrita acadêmica ao dar visibilidade às pomba giras.

Mulambo afirma que o som dos atabaques sempre lhe chamou atenção, porém, mesmo tendo muitos familiares fazendo parte da religião, apanhou muito, pois seus familiares a queriam distante da religião. Mulambo diz que em novembro de 2010 foi a primeira vez que pisou em um terreiro de Candomblé e que sentiu uma emoção muito grande, principalmente quando chegou “na” parte de tocar para o Orixá Iansã. Mulambo conta que vibrava muito com aquele momento, e sete anos depois se iniciou para aquele Orixá.

Dona Sete Esquina afirmou que chegou ao Candomblé sem muitas pretensões, apenas como visitante. Distanciou-se por um tempo, mas voltou para sua origem afro religiosa.

Utilizando as astúcias de um pesquisador, ousei fazer a pergunta central desta pesquisa para elas. A sétima pergunta do questionário era:

“Existem relatos de que “Quem está acabando com o Candomblé em Maceió/Alagoas são os “Viados”. Essa afirmativa se dá porque dizem que estão usando roupas, perucas, maquiagens e fazendo grandes festas públicas. Você concorda com isso? Gostaria de saber sua opinião sobre esse tipo de comentário”(Pergunta do Questionário online, s/d).

Padilha das Almas responde que *“Não. Até pq sempre aconteceu, sempre se vestiram, entretanto, como sabemos há exageros.”* (Padilha das Almas, trecho do questionário online, 2024, s/n). Esse “como sempre há exageros” me faz refletir que, para ela, de fato pode ser que as pessoas estejam exagerando em realizar festas de pomba giras, talvez por que estão construindo um repertório de situações que rompe com a perspectiva da tradição, roupas luxuosas, perucas, perfumes, tudo isso deve incomodar.

Rosa Menina afirma que concorda em partes com essa pergunta. Para ela, muitos médiuns deixam-se levar pela vaidade. Para a pomba gira *“(...) Eu acho bonito as pombo giras bem vestidas, maquiadas e trazendo o seu “axé”, mas existem médiuns que usam disso para expor o seu ego, vaidade, e assim acaba passando dos limites... acaba se tornando algo muito carnavalesco* (Rosa Menina, trecho do questionário online, 2024, s/n)”.

Esse dado “carnavalesco” abre caminhos para tensões e questionamentos. A importância da entrevista “cara a cara” é indispensável porque numa pergunta dessas, naturalmente seria indagado sobre do que se trataria esse “muito carnavalesco”. Como estou refém de uma resposta “estática”, pondero uma hipótese para pesquisas futuras. Não fica entendível o que se chama de carnavalesco, se é relacionado à roupa ou a corporalidade e performance de pomba gira “em cena”, quando se apresenta publicamente, canta e dança¹⁸.

¹⁸ Vamberto Silva Nascimento é um babalorixá conhecido como Bruxo Vamberto. Natural da Paraíba, Vamberto é famoso pelas grandes festas que faz para sua Pomba Gira Maria Mulambo. Sugiro esse vídeo da apresentação de Mulambo e a partir dessa manifestação, proponho refletir sobre “esse carnavalesco”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dUFNfeVYFgc&t=77s> . Acesso em: 21/04/2024.

Maria Mulambo, por sua vez, analisa que talvez o que está acabando com o Candomblé é a falta de doutrina espiritual. Ela argumenta que adornos como peruca, maquiagem e outros elementos do universo feminino sempre fizeram parte dessa estética afro religiosa e complementa afirmando que principalmente entre as Mestras.

A Jurema¹⁹ é uma prática afro religiosa fortemente cultuada no nordeste brasileiro. O culto aos encantados é o elemento base desta prática. Na Umbanda e Candomblé são cultuados os Exus e Pomba giras, na Jurema os Mestres e Mestras. Para Maria Mulambo, esses adornos eram mais vistos entre as Mestras, e as Pomba giras foram incorporando ao longo do tempo. Esta pesquisa não se trata de onde partiu essa prática, por isso não será aprofundado essa questão.

Dona Sete Esquinas não concorda com essa afirmação (da pergunta), pois para ela a pomba gira dar caminhos, logo, é imprescindível que seja recíproco. Dar caminhos significa que a bomba gira propicia condições para que o médium trabalhe, ganhe seu próprio dinheiro, não passe necessidades. Em agradecimento, os médiuns fazem o que podem para que aquela entidade seja recompensada.

As respostas das pomba giras são um tanto curiosas porque as percebo “desprovidas” de um exercício crítico da questão levantada. Não que elas tenham essa obrigação, mas o desafio de buscar dados numa plataforma online, a partir de um formulário de perguntas, é justamente para facilitar e extrair informações de alguém que esteja distante, podendo ser respondida no seu conforto, sem pressa, obtendo assim, “bons” resultados. Porém, existe uma questão do “estar disposto”. Respostas monossilábicas, por exemplo, gera um descontentamento em realizar essa etapa da pesquisa. Ainda assim, provoca outras reflexões futuras.

Ao questionar sobre a relação entre médium e pomba gira, compreendi que deveria perguntar sobre como se deu o processo de incorporação dessas pomba giras. Medo, confusão, dúvidas, malícia, vibrações, descontrole, intimidade, buraco sem fundo, coração acelerado e vontade enorme de dar risadas. Essas são algumas das diversas sensações respondidas pelas pomba giras. A incorporação é um processo individual e intransferível em que cada pessoa reage de maneira diferenciada.

Quando comecei o processo de incorporação com Maria Farrapo em meados de 2019/2020 as irradiações (aproximação) se diferenciavam, muito por conta da junção de dois em um. Tremores, fôlego enfraquecendo, um misto de sentimentos e emoções.

¹⁹ Sobre o seu conceito enquanto religião, a Jurema Sagrada não apresenta consenso quanto a isso, podemos sintetizá-la a partir de autores pertinentes ao tema que vão conceituá-la a priori como sendo de origem indígena, mas que no processo de secularização e trocas culturais apresenta conexões com a Umbanda, obtendo assim traços das religiões afros, do catolicismo e da magia européia. (Eduarda Coelho, 2016, p. 15).

Ao questionar sobre características corporais. Padilha respondeu que é compreendida como uma mulher bruta. Rosa Menina, trejeitos ciganos no agir, falar e dançar, além de alegre, comunicativa e maliciosa. Ao estar incorporada usa os olhos semicerrados, em público, não é tão comunicativa, pois entende que está ali para se divertir, diferente de quando está fazendo consulta espiritual. A pomba gira Sete Esquinas disse que é “parda”, baixa, cabelos longos e pretos.

A construção das perguntas realizadas é endereçada para compreender aspectos socioemocionais de pomba gira, impensáveis pela sociedade. Apesar de não pertencer a este plano espiritual de forma física, a presentificação da pomba gira quando incorporada no médium permite que se sintam vivas de forma limitada. Elas não conhecem coisas básicas desse universo como dinheiro, músicas, tecnologia, a linguagem, são de outra época e por tanto, podem aprender, com o tempo sobre o que há de “novo” aqui e agora.

É desse tipo de trabalho espiritual que estou a todo tempo refletindo e questionando o porquê de não ser indagado. Falar de pomba gira está associado automaticamente à ideologia de acabar casamento, de fazer maldades, pois são bruxas temidas, costuram boca de sapo, são o diabo e muitas outras violências e preconceitos sobre essas senhoras que vem na terra para ensinar, educar, “viver” e ajudar.

Exigência, qualidades e defeitos são perguntas importantes para desvendar os mistérios da pomba gira. Padilha afirma que tem seu “jeitinho” e que não sabe sobre suas qualidades e defeitos. Rosa Menina disse que uma de suas exigências está relacionada à doutrina, para isso cobra das entidades de sua casa bom comportamento, principalmente publicamente. Mulambo afirma que o mais importante é ter empatia e se colocar no lugar das outras, por isso todas têm que brilhar igual, sem distinção de desenvolvimento espiritual. Uma coisa que a aborrece muito é quando está em festa e uma pomba gira não deixa as outras cantarem. Para ela, “o sol brilha pra todos” e por fim, uma de suas últimas exigências é que o médium leve seus pertences para as festividades que for.

O “kit macumba” já é uma realidade em Maceió. Sempre existiu festa de pomba gira, é uma festa que se repete anualmente. As pessoas que fazem festa para suas pomba giras convidam outras pomba giras para se vestirem na sua festividade. Esse kit é composto de chapéu e caneca para o Exu se por ventura vier incorporar e saia, taça, perfume, torço (pano de cabeça), e em outros casos, chapéu para as pomba giras. A exigência de Mulambo se dá porque o médium raramente leva esse kit macumba e assim, ou fica sem seus objetos ou fica dependente da anfitriã da festa para emprestar seus pertences. A pomba gira Sete Esquinas afirma que sua pomba gira é exigente, mas não especifica o quanto.

Sobre as qualidades e defeitos, selecionei duas respostas que coadunam com a perspectiva de valorizar os sentimentos “verdadeiros” de um médium para sua pomba gira.

Rosa Menina diz que:

Dona Rosa é uma Pombo Gira amiga, conselheira, encantadora. É uma entidade que me guia e sempre me ajuda quando eu preciso dela. Defeitos? Ela tem uma personalidade forte, ela não gosta de falsidade, mentiras e muita das vezes isso acaba me prejudicando.. já ocorreu situações de ela acabar "compartilhando" sobre certas coisas pessoas de minha vida pois ela não concordava com tais atos. E ela é "inimiga do fim" rs (Rosa Menina, trecho de questionário online, s/d).

Rosa Menina é uma pomba gira que guia os passos de seu médium, protegendo, amando e sendo uma amiga e conselheira, por isso é importante ler uma resposta de quem vive sobre a proteção de uma moça da encruzilhada. Já para Mulambo:

Ela é muito acolhedora, muito simpática, empática, é carinhosa, é surreal a forma dela de se colocar no lugar do próximo. Outra coisa que ela me dá orgulho, hoje vemos por aí pombagiras de homossexuais fazendo linha pro médium passando a mão nas partes íntimas dos homens. Graças a deus ela se dá o respeito e não faz isso, é meu maior motivo de orgulho. Os defeitos dela é que quando é pra falar doar como ela fala. Outro defeito é que quando se zanga ela desaparece, deixa a mim e aos que a procuram passando por alguns obstáculos e some durante meses isso é horrível pra mim (Maria Mulambo, trecho de questionário online, s/d).

Fazer a linha significa que algumas pessoas “fingem” estar incorporadas para flertar com algum homem, ou ainda, quando a entidade se utiliza do corpo do médium para sexualizar e sensualizar. Uma questão para se pensar é: essa condenação se dar apenas com homossexuais? Pois, nos bastidores dos terreiros existem inúmeros casos de brigas entre heterossexuais por causa desses “flertes”, contudo, parece que quem acaba sendo mal visto apenas são os homossexuais. Essa questão demandaria outra investigação etnográfica e não é algo de grande relevância nesta pesquisa, no entanto, se só os gays são mal vistos e punidos, algo precisa ser revisto.

É inegável apontar que as respostas de Mulambo sempre estão cobertas de questões para serem pontuadas. Entre orgulhos e exigências, Mulambo é muito presente na vida de seu médium, no entanto, desaparece quando fica brava e “revoltada” com situações realizadas por médiuns e clientes.

2.2 Um breve relato sobre a festa de Maria Mulambo

“(…) para caracterizar uma performance, algo precisa estar acontecendo naquele instante, naquele local”(Cohen, 2002, p. 28). Numa festa de pomba gira várias coisas

acontecem ao mesmo tempo. Antes da pré-festa acontece à performance ritual²⁰. Depois desse ritual, busca-se realizar as delegações aos membros e filhos da casa com organização e logística do evento, escolha do lugar para a festa acontecer, ornamentação, comidas, bebidas, roupas, cigarros e convites.

Em setembro de 2023 fui “convidado” para estar presente na primeira festa de Maria Mulambo²¹. O “evento” ocorreu em um salão de festas no Bairro Santa Amélia em Maceió – AL. Aparentemente um espaço “bom” para eventos desta natureza, um salão razoavelmente grande, piscina e espaço para *drinks* e bebidas. Sendo um dos primeiros a chegar, aproveitei para ficar observando a chegada dos demais convidados. Idas e vindas, conversas, risos, o toque²² se inicia.

Transcrevo um trecho do diário de campo que confirma o início da celebração. *“Aos poucos foram chegando as pessoas... A gira começou com os presentes (presumo que filhos e irmãos da casa) a mãe de santo abriu a gira, depois os demais que estavam na gira tomaram à frente...”* (Grifos meus, setembro de 2023).

Ao celebrar para os Exus (catiços), os presentes na gira foram incorporados. O anfitrião da festa incorporou seu Exu uns 20 ou 30 minutos depois. *“Um senhor que usa seu chapéu de palha”*. Observei como os Exus, ali na festa, bebiam, fumavam, dançavam e cantavam... *“Cada um dançando à sua maneira...”* (Grifos meus, setembro de 2023).

Os Exus catiços, ali incorporados, louvaram e, por meio de seus pontos, presentificaram histórias de vidas passadas. Os cumprimentos, gargalhadas, a seriedade que encanta. Depois que os Exus “desincorporaram”, chegou o momento das pomba giras se fazerem presentes na festa.

O ponto cantado escolhido para anunciar a “presentificação” da dona da festa, Maria Mulambo no salão foi:

Madrugada linda/ Que ilumina a estrada/ De Maria Mulambo,
Noite de solidão/ Coração vazio/ Amargurado de ilusão,
Ando pelo mundo afora/ Querendo só ser amada/ Desilusão doce senhora,
Desabrochou, rainha da madrugada;
Em cada copo, gargalhada, Adeus, Maria, amargurada/ Agora mais amada/ De alma e
roupa surradas;

²⁰ O foco da pesquisa não tem esse viés ritual. A análise se dá a partir de uma performance do corpo, do movimento e da dança. Ao me referir a performance ritual, me refiro às obrigações em forma de agradecimento que são realizadas de forma particular, apenas para os membros do terreiro. Uma pomba gira só “pode” fazer essa festa pública quando houver esse tipo de obrigação.

²¹ Não será apresentado o nome do médium por uma questão de cuidado e ética na pesquisa, desta forma, a Mulambo que estou falando não é a mesma citada no subcapítulo 2.1.

²² Essa categoria de Toque está relacionada à festa. Como não existe Candomblé e Umbanda sem atabaque, convencionou-se chamar de toque qualquer situação religiosa nos terreiros afro alagoanos.

Quem foi que disse que meu trapo não é de lei/ Trapo é trapo eu sou Mulambo/ Eu sou mulher
de um grande rei;
Cacos e almas/ Destroços de coração/ Remendando vida a vida/ Minha sina, minha missão.

Vestida de preto com detalhes vermelhos, serena, usando chapéu preto na cabeça, a performance de Maria Mulambo fez-me lembrar da Mulambo que também incorpora no terreiro que faço parte. Os gestos muito parecidos. Leia a descrição da minha impressão ao ver Mulambo.

Mulambo, no seu tempo, caminha para o centro da gira, para cantar, dançar e louvar... Vi na sua corporalidade uma leveza que toca profundamente os meus olhos e a minha percepção de como sua caminhada, suas ações do braço, de fumar, de beber... Essa leveza se transforma em força quando a pomba gira, gira no sentido anti-horário, pois Mulambo me imprimiu uma autoridade, uma beleza, uma transgressão que incomoda muito (Trecho do diário de Campo, Maceió-AL, 09/2023)

Maria Mulambo, no corpo daquele médium não se apresenta de forma “amigável”, mesmo sendo a anfitriã, está ali para “comemorar” sua festa, mas sem muito contato com os presentes. Ela cantou, dançou, fumou. Existe um mistério corporal que cada pomba gira carrega. Para Barros e Bairrão “igualmente transgressoras, essas mulheres também povoam o imaginário brasileiro com todo seu vermelho lascivo que exala sinal” (Barros e Bairrão, 2015, p. 126).”

Na performance de Maria Mulambo, assim como em muitas pomba giras, os gestos mais significativos “universais” é segurar a saia, rodar, fumar e, em especial, beber sua cachaça ou cerveja. Repetições são constantes e as músicas cantadas por elas são a maneira encontrada para ensinar, alertar e comemorar.

Maria Mulambo não demorou muito em sua festa, presumo que ficou no máximo uma hora e meio ali, incorporada. Desincorporou. Aí começaram a cantar para as Mestras (já abordei essa questão) e, como estava cansado do trabalho, não sendo o foco da minha pesquisa, precisei me ausentar, ir para casa descansar. Como já enfatizado, essa pesquisa nesse momento não é sobre a corporalidade das Mestras, mas de Pomba gira.

Considerações Finais

Essa pesquisa é uma narrativa maldita escrita por uma mão e com a orientação de várias “cabeças”. São colaborações de pequenas e grandes escalas, sendo elas do orientador da pós-graduação, das pomba giras, dos médiuns, dos estudantes que compartilhei essa pesquisa, de Maria Padilha e Maria Farrapo (Padilha, minha madrinha e Farrapo, minha pomba gira), além

da contribuição do senso comum, de amigos e colegas e de todo um corpo teórico (pesquisadores) que à sua maneira tem contribuído de forma positiva ou negativa para a discussão em foco.

Essa investigação suscita também um olhar crítico para o falso discurso de que as religiões de matriz africana no Brasil são as que mais e melhor acolhem os homossexuais. Essa narrativa bendita esvazia as vivências e experiências dos homossexuais e sua relação afetiva com sua pomba gira, no terreiro de Candomblé, na Umbanda.

Ao dizer que “a boca que abençoa é a mesma que amaldiçoa” quero dizer que em muitos casos, os homossexuais, travestis e transexuais são “acolhidos” nos terreiros de Candomblé e Umbanda, mas, depois de um tempo, determinadas violências passa a se efetivar de modo sutil ou escancarado, como por exemplo, dizer que “lá fora você pode ser o que você quiser, passou do portão ou da porta, você será visto pelo seu gênero biológico”, ou seja, muitos são acolhidos falsamente só para ter quantidade de pessoas no terreiro. O senso comum acredita piamente nessa perspectiva de que as religiões de matriz africana no Brasil é quem mais acolhem os homossexuais, contudo, só quem vive é que sabe como se dá esse falso acolhimento e discurso.

Pensando na relação entre Arte e Sociedade, objetivou-se compreender porque são os homossexuais que estão acabando com o “Candomblé” em Maceió e neste momento, a conclusão que se tem é que não existe religião sem seguidor, Candomblé e Umbanda sem médium, por tanto, a sexualidade nada deve interferir no desenvolvimento mediúnico.

A figura de um Pai de Santo ou Mãe de Santo na realidade afro brasileira baseia-se no cuidado do Orixá, logo, é preciso saber diferenciar a vida pessoal da vida religiosa e sabendo que ao incorporar pela primeira vez àquela pomba gira, dependendo do nível de proximidade que tem com o médium, a entidade tem que reconhecer as dinâmicas da vida atual na terra.

Mesmo com toda dificuldade para realizar a pesquisa de campo, o que me manteve inspirado para continuar essa pesquisa foi constatar, inicialmente, a ausência dessa discussão nos cursos de Artes da UFAL. Não queremos mais ser o outro, o outro agora somos nós.

Ao longo da escrita da monografia tive que revisitar as idéias sobre as narrativas malditas, narrativas benditas e narrativas intermediárias a fim de apurar a importância dessa pesquisa para as próximas gerações que estão por vir. A escrita desta pesquisa é respaldada em uma poética dos sentidos e dos afetos. Precisei estar lá, precisei voltar e me distanciar, dar um tempo para certificar-me de que estava trilhando um bom caminho diante dessas encruzilhadas.

Um dos pontos mais importantes, na minha percepção de pesquisador-médium-artista, é poder garantir meu direito de fala na academia, numa universidade pública, expressando e devolvendo para essa comunidade excluída uma análise crítica relativamente nova para o contexto alagoano.

Os homossexuais que fazem grandes festas para suas pombas giras, oferecendo muita comida e bebida, vestindo roupas luxuosas, maquiadas e perfumadas, não estão acabando com o “Candomblé”, pelo contrário, estão vivendo à sua maneira, com a permissão de seu Orixá. Se essas cenas, essas ações cotidianas incomodam tanto, é preciso que essas pessoas incomodadas guardem para si seus “achismos” e suas críticas, pois, com certeza, nenhum homossexual que faz uma grande festa para sua pomba gira foi ou vai à porta desses “árbitros” da espiritualidade alheia “pedir ajuda”.

Apresentar a narrativa maldita de Padilha das Almas, Rosa Menina, Maria Mulambo e Dona Sete Esquina, além de discorrer sobre a ida para a festa de Maria Mulambo intensifica a intenção dessa pesquisa que configura em permitir que o leitor compreenda que pomba gira não é uma coisa ruim e que os homossexuais devem ser respeitados pelas pessoas e pelas entidades, pois cada uma, com sua história de vida passada ensinam que tudo na vida tem seu tempo e que a vida deve ser “vivida” intensamente.

Saúdo-te com a força de pomba gira e que essa pesquisa gire, ultrapasse as encruzilhadas da academia e corra o mundo. Mojibá²³, Pomba Gira!

²³ É uma louvação/saudação que se faz nos Terreiros de Maceió para Pomba gira. A grafia correta seria “Mojubá”, no entanto, se tratando de uma experiência social do agora, já escutei saudar pomba gira com esta pronúncia. Explicado os “fatos”, não existe certo ou errado quando a intenção é a mesma, saudar a pomba gira.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Mariana Leal de; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Performances de gênero na umbanda: a pomba gira como interpretação afro-brasileira de “mulher”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, Brasil, n. 62, p. 126–145, 2015. DOI: 10.11606/issn. 2316-901X.v0i62p126-145. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/107220>. Acesso em: 28 abr. 2024.
- BENTO, M. A. S. Pactos Narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e poder público / Maria Aparecida Silva Bento. – São Paulo: s. n., 2002. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade.
- CARVALHO, Ana Claudia Moraes de. Puta, Pistoleira, Dona de Cabaré: A espetacularidade do Corpo-Cavalo-Travestido de Dona Rosinha Malandra no Templo de Rainha Bárbara Soeira e Toy Azaka. Icoaraci/PA/ Ana Cláudia Moraes de Carvalho. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará - Instituto de Ciências das Artes, Programa de Pós-graduação em Artes, Belém, 2021.
- COELHO, Eduarda da Costa. Do chão ao atabaque: uma introdução aos ritos da Jurema / Eduarda da Costa Coelho. – João Pessoa: UFPB, 2016. 48f. Monografia (graduação em Ciências das Religiões - licenciatura) – UFPB/CE
- COHEN, Renato. Performance como Linguagem Criação de um Tempo-Espaço de Experimentação. Renato Cohen. Editora Perspectiva. 2002.
- DALTRO, E. P. de B. Quando a dança se torna nossa: corpos, movimentos, modos de atenção e(m) pesquisa. *ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes*, [S. l.], v. 9, n. 2, 2022. DOI: 10.36025/arj.v9i2.25851. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/25851>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- DANTAS, Mônica Fagundes. Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: etnografia, autoetnografia e estudos em dança. *Urdimento*, v.2, n.27, p.168-183, Dezembro 2016.
- DIAS, Claudenilson da Silva, - Identidade Trans em Candomblés: Entre aceitações e rejeições/ Claudenilson da Silva Dias. 1º Edição/Salvador - BA. Editora Devires, 2020.
- FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso: Pesquisa etnográfica e educação. Trabalho apresentado na XXI Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1998.
- FORTIN, S.; GOSSELIN, P. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. *ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1–

17, 2014. DOI: 10.36025/arj.v1i1.5256. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5256>. Acesso em: 13 abr. 2024

FORTIN; Trad. Helena Mello, S. Contribuições possíveis da Etnografia e da Auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. *Cena*, [S. l.], n. 7, p. 77, 2010. DOI: 10.22456/2236-3254.11961. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/11961>. Acesso em: 13 abr. 2024.

LAPLANTINE, François. 1943 - Aprender Antropologia/ François Laplantine; Tradução de Marie - Agnès Chauvel; Prefácio de Maria Isaura Pereira Queiros, – São Paulo: Brasiliense, 2003.

LUVIZOTTO, CK. As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-088-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A Etnografia é um método, não uma mera ferramenta de pesquisa... Que se pode usar de qualquer maneira. *Revista De Ciências Sociais, Fortaleza*, v. 43, n. 2, jul/dez, 2012, p. 169 - 178.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De dentro e de perto: Notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais - VOL. 17, nº 49*, jun/2002.

MELO DIAS, C. “Olhar com olhos de ver”. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Ano 43-1, 2009, p. 175-188.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é Método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014 <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200015>

PRANDI, Reginaldo. Pombagira e as faces inconfessadas do Brasil. In: *Herdeiros do Axé*. São Paulo, Hucitec, 1996, cap. IV, p. 139-164.

SANTOS, Francisco Gleidson Vieira dos. A Pomba-gira no Imaginário das Prostitutas. Monografia - (Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Estadual do Vale do Araú. Sobral - CE, 2006.

SANTOS, Guilherme Alexandre. O Sincretismo Religioso do Candomblé e a Igreja Católica no Brasil. *Revista da Avaliação da Educação Superior*, 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/575785>. Acesso em: 21/04/2024.

SILVEIRA, A. S.. Etnografia como potência criativa do corpo negro: um diálogo entre Antropologia e Dança. In: IV Copenesul, 2019, Jaguarão/RS. Anais eletrônicos, p. 1-13, 2019.

SILVA, Tulani Pereira da. Senhora das Encruzilhadas: Poéticas do Corpo em Performance de Pomba-gira, pp. 25-40. In: CONRADO, Amélia Vitória de Souza. Dança e Diáspora Negra: Poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras/ Amélia Vitória de Souza Conrado; Cecília Nunes de Alcântara; Fernando Marques Camargo Ferraz; Maria de Lourdes Barros de Paixão, organizadores. – Salvador/ ANDA. 2020. – 674 f.; (Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo, 6).

SOUSA, V. P.; RABELO, D. F.; TAVARES, J. S. C. - Só para não passar em branco: uma revisão narrativa sobre a branquitude. ODEERE, v. 6, n. 2, jul./Dez., p. 352-368, 2021.